

MOVIMENTO

Com a edição semanal brasileira do *Le Monde*

HUGO ABREU AGITA O MAR DE LAMA

- Geisel é falso, e espionava generais e ministros
- Heitor Aquino é "moço de recados" das multinacionais
- Figueiredo cai antes do fim do mandato
- Povo não admite mais a ditadura P. 6 e 7

Invasão do Vietnã leva mundo à beira do conflito geral

CHINA X URSS GUERRA!

*No começo trocavam insultos e acusações políticas. Agora trocam chumbo
Veja por que nas páginas 10, 11, 12 e 13*

**Sérgio Cabral relembra o espírito crítico do carnaval:
FOLIA, FARRA E PROTESTO!**

P. 16 e 17

**Líder albanês aprofunda briga ideológica no mundo socialista:
"MAO NUNCA FOI COMUNISTA"**

P. 14 e 15

Primeiro artigo de uma série:

A AMAZÔNIA AMEAÇADA

I - Os trustes tomam conta P. 8 e 9

A GASOLINA EXPORTADA
A Cr\$ 1,70



Ueki explica,
explica, explica...

POXO EXCRAREVE?

Um litro de gasolina custava Cr\$ 8,40 para o consumidor brasileiro no ano passado. E esse mesmo litro de gasolina foi exportado a apenas Cr\$ 1,70. Essa informação, que a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo levantaram com minúcia, causou desagrado à opinião pública e dores de cabeça ao governo. Tentando atenuar a má impressão saíram em campo o assessor de imprensa da presidência da República, coronel Rubens Ludwig, e o desacreditado ministro das Minas e Energia Shigueaki Ueki.

Mas, a ofensiva oficial foi pouco proveitosa. Os dois mosqueteiros encarregados do "poxo esclarecer?" não conseguiram cair nas boas graças da opinião pública. O ministro das Minas e Energia (que recebeu a imprensa em sua casa, um fato inédito, acompanhado de uma maquininha de calcular) tentou provar por A mais B que o litro de gasolina foi na verdade vendido a aproximadamente Cr\$ 5,00, dando lucro à Petrobrás já que seu custo de produção é de Cr\$ 3,91. Mas a aritmética

tortuosa do ministro não foi suficiente para desmentir os dados da Carteira de Comércio Exterior (Cacex), do Banco do Brasil, que mostram que de janeiro a novembro do ano passado foram exportados 762,7 milhões de litros de gasolina, no valor de Cr\$ 1.309 milhão. E isso dá Cr\$ 1,71 por litro.

Por que a gasolina, tão cara aqui dentro, é exportada a preço de banana?

"As refinarias brasileiras, quase todas instaladas nos anos 60, foram calibradas para atender à expectativa de consumo da época. Assim, de cada barril de óleo bruto o parque refinador brasileiro está equipado para tirar 38% de gasolina, 31% de óleo diesel, 8% de gás liquefeito de petróleo (GLP) e 23% do resto", diz a Folha de São Paulo. Vamos supor que a demanda do país fosse de 100 barris de petróleo, sendo 38 de gasolina, 31 de óleo diesel, 8 de GLP e 23 barris dos demais derivados. As refinarias da Petrobrás estariam perfeitamente calibradas para atendê-la. Mas, anos depois, a demanda muda. Passa para 62 barris de óleo diesel, 16 de GLP e 46 dos demais derivados de petróleo (o dobro portanto). A gasolina permanece na mesma

38 barris. Ai é que surge o pepino. Para produzir o dobro de óleo diesel, GLP e demais derivados de petróleo a Petrobrás é obrigada a produzir duas vezes mais gasolina, amarrada que está à sua

estrutura de refino. A empresa estatal passa, portanto, a produzir 76 barris de gasolina. Como a demanda estacionou em 38 barris, sobram outros 38 que para não ficarem encaalhados têm que ser exportados. Como muitos outros países têm o mesmo problema do Brasil e também estão com gasolina sobrando, surge uma superoferta do produto e baixos preços no mercado externo. Dai a venda a Cr\$ 1,71.

Mas se agora o Brasil enfrenta esse problema, a culpa é dos últimos governos. Afinal foram eles que montaram uma estrutura de refino semelhante à norte-americana, para atender aos interesses da indústria automobilística. Isso explica porque a gasolina é o derivado com maior peso na estrutura de refino da Petrobrás. E agora? Há saídas? O que fazer? Há três alternativas: 1) continuar vendendo gasolina a preço de banana; 2) mudar a estrutura de refino, o que exige grandes investimentos, para reduzir o peso da gasolina; 3) reduzir o consumo de diesel e óleo combustível tanto quanto o da gasolina e deixar as refinarias da Petrobrás com capacidade ociosa. Nesse caso a estrutura de refino continuaria a mesma. Mas as quantidades de óleo bruto refinadas cairiam.

DESNACIONALIZAÇÃO

"Em 20 anos, acaba a indústria nacional"

O físico e professor da Unicamp, Rogério de Cerqueira Leite, afirmou, em artigo publicado em 18/2/79 pela "Folha de São Paulo" que o Brasil está a caminho de perder sua autonomia política, sua dignidade, sua identidade nacional e sua cultura porque "mais de 50% de nossa produção industrial privada já estão em mãos de empresas estrangeiras, que começam a se introduzir até na agricultura e no comércio. Na progressão real destes últimos dez anos, antes do fim da próxima década, 80% da produção efetuada em território brasileiro estarão sob controle estrangeiro. Antes de vinte anos não haverá mais uma única indústria nacional".

Referindo-se a dados extraídos dos boletins do Banco Central de 1973 a 1977, Cerqueira Leite afirma que nesse período, o crescimento do investimento estrangeiro na indústria mecânica foi de 266%, na metalúrgica, de 173%, na de

materiais elétricos e de comunicações atingiu 216%. Na indústria de autopeças, o crescimento foi de 164%. Setores anteriormente nacionais, como o de madeira, apresentaram um crescimento do capital externo de 446%; o de celulose e papelão, 272%; o têxtil, de 124%. A média do crescimento da desnacionalização na indústria foi de 164%. Na agricultura o aumento foi de 35%. No comércio e em consultoria foi de 72% e 295% respectivamente.

Na sua opinião, está-se assistindo a uma nova forma de colonização, já não mais "manu militari", porém "mais sutil e muito mais eficiente". A fórmula é simples: o que se fazia antigamente com soldados e colaboracionistas, se faz hoje com capital e "colaboradores". A palavra colaboracionista é um eufemismo para o "colaboracionista". O trabalho de colonização não é efetuado com facilidade sem a colaboração de elementos da sociedade a ser conquistada. O que serve de base à colaboração é a "ideologia do mercado livre", a qual surgiu em meados do século passado, nos países industrializados, e, agora, "com alguns retores monetaristas, se transformou em difuso dogma da internacionalização da economia, a ideologia da interdependência".

CUSTO DE VIDA

O governo faz planos. Os preços levantam vôo

O governo tem falado muito em combater a inflação. Mas os índices de aumento do custo de vida em janeiro mostram que a carestia se agrava continuamente:

- Salvador 8,0%
- Porto Alegre 5,7%
- São Paulo 5,1%
- Rio de Janeiro 4,7%
- Belo Horizonte 5,9%
- Florianópolis 4,9%

Além de bastante elevados, em quase todos os casos os aumentos são muito maiores que os de janeiro de 1978. As justificativas oficiais são as de sempre: chuvas, secas, árabes. Será? Esta semana o IBGE divulgou pesquisa mostrando que as mercadorias produzidas no país sofreram aumento de 80% por causa dos intermediários.

TRUSTES

Manobras para dividir um bolo a três

Terminou mais um capítulo da briga que três grupos monopolistas internacionais do setor de eletrônica vêm travando no Brasil, desde 1977, pelas encomendas de novas centrais para a Telebrás. As vitórias foram a Ericsson (sueca) e a Standard Electric (ITT), norte-americana, que dividiram igualmente o grande negócio, alijaram a Nippon Electric Co. (NEC) e serão as fornecedoras das CPAs (centrais eletrônicas controladas por programas armazenados).

Para chegar a esse resultado houve muitas marchas e contramarchas. Em maio de 1978, a Ericsson chegou a ser

desclassificada. Houve protesto empresa e de seu relações públicas, o general Juracy Magalhães. R. administrativo foi enviado direto ao presidente da República. No ano, a concorrência foi anulada, que as três reapresentassem suas propostas. Terá começado aí a da NEC e do seu homem-forte, governo, o coronel Higny Cors ministro das Comunicações no Médici.

A reação indignada da NEC que a briga talvez só acabe com a divisão do mercado entre as três. A maior dificuldade a ser superada pelas três concorrentes deveu-se exigência oficial de que só poderia receber as encomendas empresariais tivessem controle acionário nacional para que fosse possível a transferência de tecnologia. Houve uma corrida para associarem-se com grupos brasileiros.

Houve uma corrida para associarem-se com grupos brasileiros. Assim, a Ericsson foi "vendida" S/A, uma empresa inexistente anteriormente e formada especialmente para essa "joint venture". Pertence ao forte grupo Monteiro Aranha especializado em ser acionista minoritário de multinacionais, Volkswagen, por exemplo, e a Cia. Nacional de Seguros.

No mesmo dia 8 de fevereiro, foi divulgada a "venda" da Standard Electric. Esta à UNIPPEC por coincidência também inexistente anteriormente.

A UNIPPEC foi constituída por capitais do banco investimentos Brasilinvest - direção Mário Garnero, alto funcionário do Volkswagen - banco esse especializado em participar de investimentos estrangeiros no Brasil. Como sócio do Brasil anunciou-se o grupo Pereira Lopes A NEC foi "vendida" à Cia. D. Santos. Mas, por alguma razão, o negócio não colocou. E um dos alegados para alijá-la da concorrência foi "não apresentar segurança de manutenção do controle acionário dos atuais detentores", entendendo Telebrás por isso, que sua própria continha disposições de "validade jurídica duvidosa e extremamente inconvenientes".

Uma das particularidades dessas transações é que, exceto o grupo Lopes, assim mesmo em outros nenhum deles tem experiência no setor de eletrônicos, não se dá como correrá a absorção da tecnologia estrangeira. A outra é que os grandes brasileiros se tornaram maioria. De fato o serem. Segundo o "Estado S. Paulo" de 10/2/79, no caso da ITT, o grupo brasileiro, com o capital, tornou-se o controlador do patrimônio equivalente a US\$ 80 milhões. E revela o truque: "é preciso assegurar propriedade do capital e gerencial. Se fosse aceita a opção certos órgãos públicos, que consistem que não existe controle que não financeiro, certamente não teria sido possível realizar essas operações. Mas, desde que se estabeleça a maioria somente no caso das ações ordinárias, é possível conseguir a nacionalização realmente eficaz, medida em que se transfira o controle de decisões para o Brasil".

As empresas foram "nacionalizadas" antes de ganharem a concorrência mostravam uma confiança inabalável nessa vitória.



ed. Osoba

Conselho de Direção

Aguinaldo Silva, Alvaro Antonio Carapese, Antônio Carlos Ferreira, Antônio Carlos Moura, Antônio Neto, Armando Sartori, Benedito Cintra, Chico Pinto, Clóvis Moura, Eduardo M. Suplicy, Elías Andreato, Fernando Peixoto, Flávio Carvalho, Jaime Leão, Jaime Sautchuck, Jair Borin, José Crisóstomo de Souza, Jurt Mirov, Luiz Bernardes, Luiz Carlos Antero, Márcio Bueno, Marcos Gomes, Maria Amélia Telles, Mariana Helena Pereira, Maria Leonor Viana, Mauricio Azevedo, Murilo Carvalho, Paulo Barbosa, Raimundo R. Pereira, Raimundo Teodoro de Oliveira, Renato Godinho, Samuel Rodrigues, Sérgio Buarque, Sônia Rodrigues, Teodomiro Braga.

Conselho Editorial de Movimento
Alencar Furtado, André Forster, Auddio Dantas, Chico Buarque de Holanda, Fernando Henrique Cardoso, Orlando Vias Boas, Hermilo Borba Filho (6/7/1912-2/6/1976).

Diretor Responsável
Antônio Carlos Ferreira
Editor: Raimundo Rodrigues Pereira.

REDAÇÃO:

Nacional São Paulo. Teodomiro Braga (editor); Armando Sartori (secretário); Roldão Oliveira (editor-assistente); Maurício Carvalho, Paulo Barboza (bolsa (reporters); Adélia Borges, Bernardo Lerer, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Welfort, Percival de Souza, Reynaldo P. Leme, Ricardo Kotscho, Sérgio Buarque de Gusmão, Tânia Angarim (colaboradores). Brasília: Chico Pinto (chefe de redação); Vera Lucia Manzollini (chefe de redação); Amaury Muller, Jaime Sautchuck, Vladimir Carvalho (colaboradores). Rio de Janeiro: Márcio Bueno (chefe de redação); Denise Cunha, Luiz A. Palmeira (reporters); Aginaldo Silva, Maurício Azevedo (editores-nãotribuntes); Carlos Gentile de Melo, Dulce Tupy Caldas, Márcio Fonseca, Mário Vitor de Assis Pacheco, Momiz Bandeira, Nelson Werneck Sodré, Roberto Ribeiro Martins, Tânia Coelho (colaboradores). Belo Horizonte: Aloisio Moraes, Lúcia Sampaio, Luiz Bernardes, Mário Albernaz, Renato Godinho, Vilma Fazito. Salvador: José Crisóstomo de Souza (chefe de redação); Jadson de Oliveira (chefe de redação); Boné Simões, Graça Filadelfo, Luis Antônio, Marcos Luedy, Maie Isabel, Paulo Martins, Rogério Menezes, (colaboradores); Recife: Luis Augusto Falcão (correspondente); Expediente Vieira, Marco Aurélio Albertin (colaboradores). Fortaleza: Marcos Klassmann (chefe); Daniel Her, Valério Campos. Belém: Luis Makluf (correspondente). Curitiba:

Fábio Campana (correspondente). Goiânia: Antônio Carlos Moura (correspondente). Fortaleza: Luiz Carlos Antero (correspondente). Macéio: Alido Rebelo (correspondente). Santos: José Merelles Passos (correspondente).

Economia: Marcos Gomes (editor); Eduardo M. Suplicy, Jair Borin, José Serra, Paul Singer, Ricardo Bueno (colaboradores). Cultura: José Iadeu Arraes (editor); Caco Barcelos, Carlos Nelson Coutinho, Clóvis Moura, Emílio Chagas, Fernando Peixoto, Florestan Fernandes, Gilberto Galvão, Jean Claude Bernadet, João Augusto, José Antonio Sinch da Silva, José Louzeiro, Leandro Konder, Maria Cecília Garcia, Maria Elizabeth Viviani, Paulo Sérgio Pinheiro, Plínio Marcos, Robson C. de Camargo, Ruy Guerra, Solange R. Steves, Sônia, Luyton Tárk de Souza, Zulmira Tavares (colaboradores). Internacionais: Flávio de Lima (editor); Flávio Dieguez (editor assistente); Izalco Sardenberg, Maria Luiza Porto, Lauro Bandeira, Sérgio Sister (colaboradores); Aureliano Biancaneli e Alberto Villas (correspondentes Paris); Mário Chimanovitch (correspondente Tel-Aviv); Frederico Fulgraf (correspondente Berlim); Renato Rossi (correspondente Roma); Judy Butler (correspondente Nova York); Helena Salen (correspondente Lisboa). Arte: Sérgio Fujiwara (editor); Chico Caruso e Alcy (editores de humor); Jaime Leão (editor de capa); Elías Andreato e Pedro de Oliveira (editores-contribuintes); Sérgio de Oliveira (secre-

tário de produção); Agostinho Gizé, Alcebades, Angeli, Arnaldo, Artur, Iolanda Hussac, João Bittar, João Zoro, Jota, Juca Martins, Kozzo, Luiz Carneiro, Laerte, Lúcia Reggiani, Luiz Gê, Marlene, Paulo K., Perón, Ruben Grilo, Pessuolaz, Samuel Roloff-guez (chefe); José Carlos Ruy, Miguel Coelho Ilmenez. Revisão: Aurea Regina Sartori, Marlene Crespo, João Bosco Possidido, Júlio César Garcia, Luciano Machado. Administração: Francisco Margis (assessor-financeiro); Cássio M. C. Melo, Maria Leonor Viana, Silvio Barini Pinto (São Paulo); Heloisa Sampaio Costa (Belo Horizonte); Antonio Carlos Antero (Brasília); Antonio Carlos Batista dos Santos (Rio); Maria Etena Peres (Salvador). Ações: Terezinha Gonzaga. Departamento de Publicidade: Jaime Pentado. Departamento Jurídico: A. Modesto da Silveira, Luiz Eduardo Greenhalgh, Márcio Ramos de Souza. Departamento de Vendas: Antonio Neto (chefe); São Paulo: Maria Amélia Telles (chefe); Enés Rodrigues, João Bosco C. Possidido, Olivina Aparecida de Melo; Belo Horizonte: Susete Barbosa (chefe); Dalton D'Ávila de Paula, Vanda Piancercelli; Brasília: Antônio Carlos Queiroz (chefe); Artur C. Queiroz; Rio de Janeiro: Luiza Maria Santos, Sônia Rodrigues; Salvador: Luis Augusto Marques, Paulo Jackson, Vias Boas; Belém: Isabel Cunha, Tânia Bulhões; Campinas: Alvaro Antônio Carapese; Campina Grande: Leimar de Oliveira; Campo Grande: Mauro M. Bittar; Curitiba: Márcio Antonio

Melo; Divinópolis: Rui Campo; Toledo: João Carlos Paes; Goiânia: João Pessoa; Walter Oliveira; Curitiba: Márcio; Macéio: Edson; Belo Horizonte: José Albuquerque; Manaus: Natal; Giovanni Rodrigues; Porto Alegre: Raimundo Belmonte; Recife: Luciano Sampaio; Rio de Janeiro: Alberto Nunes, Geraldo de Vico; Carlos Dauryl; Sérgio; Curitiba: Raimundo Belmonte; São Paulo: Verezza Souza de Oliveira. Movimento é uma publicação da Editora de Livros, Jornais e Revistas. Redação: Rua Dr. Virgílio de Camargo, 674, S. Paulo, tel. 644-7600. Circulação: Rua de Lapa, 1410, tel. 224-7600. Edifício Marquês, sala 1007, tel. 644-7600. Rua de Lapa, 1410, tel. 22-6493 - Sucursal Salvador: 133, Camp. de Pólvora, tel. 159-159. Travessa Sete de Setembro, 222-3362 - Macéio: Rua L. Benedito, 159, tel. 22-6493. Rua da Condição, 372, Edifício S/A, tel. 22-6493. Distribuição: Edifício S/A, tel. 22-6493. Rua Emilio Goeldi, 575, tel. 22-6493. Paulo - Composto e impresso em papel 40 g/m². Ilustrações e Assistência Técnica: Virgílio de Carvalho Pinto, 412, tel. 22-6493 - Material internacional via Varig.

O Congresso reabre ; para grandes crises?

Contrário do que vinha acontecendo em passados, desta vez a reabertura do Congresso está cercada de grande expectativa. O Congresso reabre suas portas nesta quinta-feira, 1º de março, sete dias antes da posse do General Figueiredo. E a previsão dos observadores é, como "caixa de ressonância da verdade", ele venha também a ser o palco de primeiras crises e enfrentamento desta o novo governo.

Quem assegure que alguns entre o governo e o Congresso servem de moti-

vo para um novo "fechamento". E o pretexto será ser o pedido de licença para o acesso contra Chico Pinto ou então a ação da emenda Benevides, que abelece eleições diretas para as eleições das capitais, para citar dois exemplos. No primeiro caso, seria a suspensão do caso Márcio Moreira Alves. Segundo, o regime certamente não sentirá em deixar que a maioria parlamentar, tão duramente conquistada através dos biônicos e outros expedientes de agosto de abril, venha a se insubordinar a um assunto tão delicado como eleições diretas, arriscando deixar visível a nudez do rei. A falta de legitimidade, doença crônica de que padecem todos os governos desde 1964, não é porém um único ponto do regime. E a outra questão que se coloca é até quando o Planalto conseguirá resistir no jogo da "abertura", resistindo às pressões da sociedade pela democratização.

Em digno de nota que as previsões de uma violenta crise não venham apenas de autores como os representados pelo General Góes Abreu, que acredita que Figueiredo terminará o mandato (veja nas páginas 7). Ultimamente a imprensa vem publicando opiniões atribuídas a altas esferas do governo ou mesmo a relatórios de serviços de informação prevendo manifestações de "grupos esquerdistas", manifestações estudantis e movimentos sindicais pré-fabricados etc, aos quais seguiria a capitulação do governo às pressões da direita, resultando num endurecimento. Esta análise dos fatos não é absolutamente nova; certamente mais uma vez ela deverá circular nos corredores do Congresso, como uma ameaça velada à radicalização.

Como será que o novo Congresso, que virá revitalizado pela eleição de um maior número de parlamentares ligados à defesa das causas populares, irá reagir a todas as pressões? Mesmo a maior combatividade em sede de emendas não conseguirá remover obstáculos como o poder da Arena de vetar a constituição de alguma CPI pedida pelo MDB, como corrupção do governo ou as estruturas e violações dos direitos humanos. A questão da anistia a presos políticos excluídos será sem dúvida uma das grandes discussões desta legislatura que se prepara, e já se sabe que o governo está preparando, a cargo de Petrônio Portela, um projeto de anistia excluindo os militares cassados e as pessoas que foram condenadas por ações armadas. É possível que Portela tente negociar esse projeto com a oposição em troca de algumas medi-

ações de interesse do governo, como, por exemplo, a prorrogação dos mandatos dos prefeitos até 1982.

A situação de confronto com o regime, a discussão parlamentar estará envolvida nos próximos meses numa discussão da maior importância: a da formação de novos partidos e o do papel dos líderes políticos e exilados. A discussão já de muito ameaça romper a frente emedebista, segundo o comentário de um membro da direção do partido, a união do MDB estará condicionada ao tipo de ação do governo: "segundo esse raciocínio, se o governo pressionar com atos repressivos, a tendência do partido será manter-se unido. Já a aceleração da "abertura" - prevê - traria uma multiplicação das manifestações das tendências ideológicas que se abrigam no MDB".



Acima, à esquerda, o investigador que se afasta; Acima, à direita, Seelig e, ao lado, Janito. Como o delegado poderia investigar os atos ilegais de seus colegas?

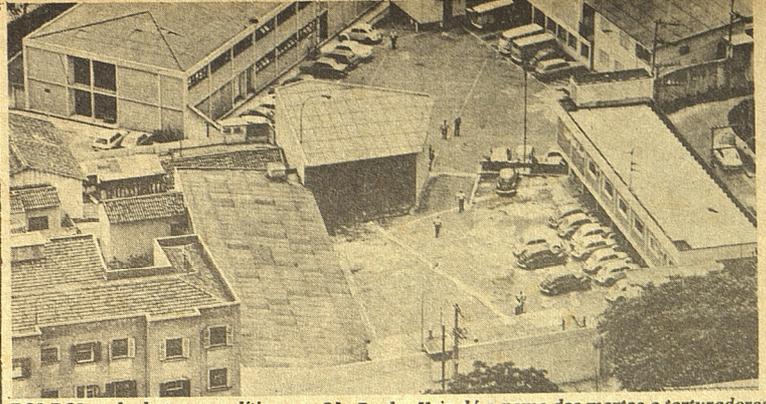
SEQUESTRO - RS Até que enfim o investigador se acha suspeito

Em Porto Alegre, já se comentava no início da semana: o delegado Marco Aurélio da Silva Reis seria substituído na direção da sindicância da Secretaria da Segurança Pública gaúcha encarregada de investigar o sequestro de Lillian Celiberti, Universindo Dias e das crianças Camilo e Francisca. O que não se esperava é que o próprio delegado pedisse demissão do cargo. E foi o que aconteceu na última quarta-feira, 21, durante a primeira reunião do modificação Conselho Superior da Polícia do Rio Grande do Sul. O motivo da decisão: Marco Aurélio disse estar "impedido" de chefiar a realização das novas diligências solicitadas na semana retrasada pelo relator Renato Maciel. Noventa e seis dias foi o tempo necessário para que o delegado percebesse sua condição de suspeito e deixasse formalmente a direção das investigações que assumiu em dezembro passado. Afinal colegas seus são os implicados até agora, na operação policial que colocou nas mãos dos militares uruguaios, os patriotas Lillian e Universindo. Orandir Portassi Lucas, o "Didi Pedalada", Pedro Seelig, o "Fleury dos Pampas" e Jorge Janito dos Santos, o "Jorjão" são todos policiais do DOPS gaúcho - como ele próprio, Marco Aurélio. O substituto, delegado Jair de Souza Pinto, é diretor da Divisão de Inspeção e Correção da Polícia Civil.

Na mesma reunião do CSP, o relator desistiu de duas das diligências que havia pedido na semana retrasada, acrescentou três aquelas 14 e modificou outras três. A mais importante investigação entre as novas, segundo os membros da Comissão da Ordem dos Advogados do Brasil que também cuida do caso em Porto Alegre: "houve, em qualquer época, nos órgãos da SSP/RS, ordem ou pedido de busca, relativamente a Lillian e Universindo?". Segundo os advogados, se a resposta for positiva, resta saber quem deu a ordem; caso seja negativa, então houve sequestro. Um outro sequestro no sul teve um final feliz: o do comerciante uruguaio Asdrubal Cardoso, de 43 anos, residente em Santana do Livramento, preso no Brasil no dia 16 por uma patrulha uruguaia. A população da cidade protestou. E, dois dias depois, Asdrubal estava de novo entre seus amigos.

TORTURAS A revista Veja e os medos de Figueiredo

O General Figueiredo, que vai governar o país a partir de 15 de março, graças a



DOI-DOI, sede do terror político, em São Paulo: Veja dá o nome dos mortos e torturadores.

"democracia indireta" da gang do Planalto, parece ter muito a temer. O Estado de S. Paulo de 17 passado afirma que ele recomendou aos seus líderes na Câmara e no Senado (Nelson Marchezan e Jarbas Passarinho) que, ao lado de Petrônio Portela (Ministro da Justiça) e José Sarney (Presidente da Arena) não permitam ao MDB ou outros movimentos oposicionistas dirigir o processo político no País. O jornal destaca o maior dos temores de Figueiredo: éle "não admitir" que a revolução seja colocada no banco dos réus através de uma comissão parlamentar de inquérito".

E a revista *Veja* do dia 21 demonstra em 9 páginas assinadas por Antonio Carlos Fon, uma parte das razões do medo que abala o General. Fruto de mais de três meses de pesquisa, a reportagem revela como em 1968 o Secretário de Segurança de São Paulo, o civil Ely Lopes Meireles, recebeu ordens para formar uma grande equipe para combater a subversão, através de comunicação passada pelo Ministro da Justiça, Gama e Silva e pelo Inspetor Geral das Polícias Militares, general Carlos de Meira Mattos. Era a criação do primeiro CODI-DOI, órgão subordinado ao comando militar da região através da 2ª Seção do Estado Maior. Nos anos seguintes esse meio de terror repressivo se desenvolveu e cresceu muito, sendo que o de São Paulo se faz o mais tristemente célebre. Em suas dependências aconteceram cenas como a morte do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho que, em 75/76 marcaram o final da época mais incruenta do crime político oficializado no Brasil. Ali oficiais mataram Celso Antunes Horta a pontapé e torturaram uma mulher Hilda e sua filha Isabel, de 4 meses. *Veja* dá o nome dos assassinos: capitães Benone Albernaz, Homero Machado e Dalmo Cirilo, major Inocencio Beltrão e sargento PM Paulo Bordini. Inclusive mostra foto da "fazenda 31 de março", um dos sítios da região de Santo Amaro, usado como local de torturas. Entre os muitos tópicos importantes do trabalho de Antonio Carlos Fon, está a confirmação das doações de indústrias aos torturadores, principalmente Hennig Albert Boilensen, do grupo Ultra, que terminou sendo morto em 1971 por um grupo armado. Os participantes da morte do líder da ALN (grupo promotor de assaltos a bancos, atentados e outras ações com fins políticos), Carlos Marighella, receberam 100 mil cruzeiros cada, pelo trabalho. Há também a afirmação de que o General Silvío Frota foi quem introduziu, no Rio, o sistema inglês de torturas científicas, psicológicas. O Chefe do Cenimar em Minas, Nelson Sarmiento, cita agentes da CIA, americanos que ensinavam os policiais brasileiros a torturar. Um caso de aula prática, com preso, ministrado pelo agente Dan Mitrone (depois morto no Uruguai) é outro relato impressionante. E é reproduzido um caso de espancamento nas dependências da Auditoria Militar de São Paulo, para obrigar o preso a mudar seu depoimento. Ao final fica-se com as palavras de um general, quando diz ao Dr. Ely Lopes Meireles: "Para mim o Fleury não passa de um bandido. Mas era de bandidos que precisávamos para combater o terrorismo". Uma frase muito reveladora. Evidentemente não resistiria a uma Comissão de Inquérito.

ARBÍTRIO Ministro da Justiça não respeita ordem da Justiça

A romena Sandra Maria Bratozin estava presa em São Paulo, no DOPS, acusada de subversão, ainda sem processo, ameaçada de expulsão. No dia 16 obteve limitação favorável ao seu "habeas corpus" através do Ministro Wilson Gonçalves do Tribunal Federal de Recursos. Isso obrigava sua permanência no país, até o julgamento pela corte. No dia 19, por ordem do Ministro da Justiça, Armando Falcão, Sandra foi embarcada num avião e levada para a Europa.

2) **Censura de livros científicos:** O Presidente de Honra da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Dr. Maurício Rocha Lagoa, há três meses tem grande quantidade de livros retidos na Alfândega do Rio, por ordem da Censura Federal. O pior é que ainda está sendo intimado a pagar Cr\$ 1.500,00 pelo fato de seus livros estarem lá. O caso é ridículo e vexatório, principalmente porque são publicações doadas pelo Instituto de Saúde de Washington (USA) à Faculdade de Medicina de São Paulo.

3) **Censura na TV:** Lúiz Inácio da Silva, o Lula, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP), participou, na TV Tupy, do programa "Almoço Com As Estrelas", que foi ao ar no dia 17. Entrevistado, a certa altura Lula deveria "tirar o chapéu" para as pessoas que aprecia e "não tirar o chapéu" para aquelas que lhe desagradam. As opções de Lula não foram nada favoráveis às ditas autoridades competentes do país. Resultado: sua participação foi cortada.

4) **Censura aos telegramas e...** Os estudantes da Comissão Pró-DCE livre da Universidade de Londrina (Paraná), tentariam por duas vezes passar um telegrama para a Casa da Universitária de Salvador (BA), nos dias 19 e 20, em repúdio ao despejo que a Prefeitura tenta contra suas colegas baianas. O veto ao texto foi determinado por "autoridades superiores", segundo funcionários e diretores da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Terminaram revelando que não apenas censuram os telegramas mas fazem um fichário com os nomes dos expedidores e dos que simplesmente enviam mensagens a governantes e militares.

● Outra vitória desta semana foi a conseguida pelo jornal *Resistência* do Pará, que está sendo processado por divulgar matérias denunciando torturas. Julgado em Belém no dia 20, o processo foi desqualificado da Justiça Militar, passando à Lei de Imprensa. Uma vitória parcial, mas significativa. E comemorada em frente à Auditoria Militar e na redação do jornal.

● **O Congresso da Mulher Paulista** Vai ser no Teatro Ruth Escobar, SP, organizado pela Associação das Donas de Casa, Frente Nacional do trabalho, Clubes de Mães, Movimento Custo de Vida, Sociedade Brasil Mulher e várias outras entidades. No dia 3 se discute o trabalho da mulher e como conseguir cresces, das 9 às 17 horas; no dia 4, será educação, sexualidade e controle da natalidade (de manhã) e a atuação das mulheres na sociedade (à tarde). No dia 8 às 20 horas o encerramento, comemorando o dia Internacional da Mulher.



Metalúrgicos, SP: e os patrões perderam um de seus mais hábeis negociadores.

METALÚRGICOS

Preparação para a greve geral?

A campanha salarial dos metalúrgicos do Interior paulista esquia esta semana, sob as cinzas do carnaval. Na quinta-feira, dia 1º, patrões e empregados estarão reunidos pela primeira vez, na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, com vistas a iniciar as negociações. Este ano, esses metalúrgicos, que têm seus salários reajustados 4 meses após a campanha salarial dos seus colegas da Capital. Guarulhos e Osasco, estão lutando por reivindicações totalmente novas. Tais como garantia no emprego, antecipação da data-base (dia em que entra em vigor novo reajuste) e redução da jornada semanal de trabalho para 8 horas. São reivindicações que o Tribunal do Trabalho fatalmente negará, pois continua bitolado e sem autorização do Poder Executivo para apreciar questões extralegais.

Na semana passada, a Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo reuniu os sindicatos filiados e deu-lhes uma orientação comum: à tentativa patronal de transferir a solução da pendência para a esfera do Ministério do Trabalho ou à Justiça, será respondida com greve geral da categoria. E os sindicatos presentes asseguraram que seus representantes estão preparados efetivamente para a greve.

Para o presidente do órgão federativo, Argeu Egídio dos Santos, foi uma decisão bastante ousada, pois há menos de um ano agia ele cautelosamente, evitando tocar no assunto proibido. Certamente, Argeu foi encorajado pelas greves dos metalúrgicos do ABC, em maio do ano passado.

Mas não se sabe se a Federação, que capitaneia a maioria dos 34 sindicatos envolvidos na campanha e exerce indiscutível poder de mando sobre os mesmos, manterá até o fim a sua palavra-de-ordem.

Afinal, em se tratando de dirigentes apelegados, fortemente comprometidos com o regime vigente, tudo é possível. Em novembro do ano passado tivemos o triste exemplo no setor dos metalúrgicos da capital paulista. O presidente do sindicato deles, Joaquim dos Santos Andrade, que reza pela mesma cartilha de Argeu, capitulou feio no final da campanha, traído os interesses da categoria. A negociação direta, iniciada sob pressão da greve então havida, não se completou, e a solução foi favorável aos patrões.

De qualquer forma, o peso da presente movimentação está no ABC, onde se concentra metade dos quase 500 mil metalúrgicos do Interior paulista. E é ali que se sediam os maiores e mais combativos sindicatos do País. Estes, desde há alguns meses, vêm realizando intensos preparativos para a luta, com a criação de comissões de empresa (espécie de comitês de greve), assembleias sucessivas e campanhas de esclarecimento. Por essa razão, talvez esses sindicatos consigam influir decisivamente nas negociações, evitando as manobras dos pelegos e dos patrões tendentes a solucionar a questão através do arbítrio governamental. Ainda mais porque a

liderança empresarial age, desta feita, desfalcada de um hábil ideólogo: sr. Jorge Duprat Figueiredo, falecido em setembro do ano passado. Este era especialista em encurtar os entendimentos e levar o dissídio ao Tribunal.

Antonio Carlos Felix Nunes

BANCÁRIOS

Vitória pela segunda vez

Não foi nada fácil. A oposição dos bancários de São Paulo precisou enfrentar dois escrutínios (não alcançou quorum de 2/3 no primeiro), ameaças de morte por telefonemas, panfletos distribuídos pela chapa da situação taxando-a de subversiva, além de alguns truques eleitorais. Mas terminou-se elegendo como a nova diretoria do Sindicato da categoria. A posse deverá ser após o carnaval e a vitória foi comemorada com passeata, cantoria e bandinha pelo centro da cidade.

Não era para menos. Há 15 anos o peleguismo dominava o Sindicato e a vencedora chapa 2 se apresentou com um programa claramente político, lutando pela anistia ampla e irrestrita e pela Central Única dos Trabalhadores. Agora, no poder vai encaminhar as seguintes lutas: pela jornada de 6 horas de trabalho, propondo a negociação direta; anistia aos bancários cassados pelos atos institucionais depois de 64; maior participação no Sindicato através da democratização da direção e por maior índice de sindicalização (hoje em dia existem 120 mil bancários e apenas 30 mil filiados). E, é claro, por melhores salários, principal razão da greve que tentaram no ano passado, derrotada, segundo pensam, pelo corpo mole da diretoria agora afastada através do voto dos bancários. E a coisa já está começando. No Rio a categoria decidiu em assembleia reivindicar 30% de aumento. Isso anima o pessoal.



Os bancários comemoram: a greve ajudou.

GARIS

Vitória em três frentes

A greve dos garis do Rio foi uma vitória triplíce. Primeiro, pelo aumento de 165% o maior índice que se conseguiu nos últimos anos. O salário passou de Cr\$ 1.577,00 para Cr\$ 4.300,00. Além disso os garis conquistaram outras vantagens: as faltas nos dias parados serão abonadas; a DRT vai indicar um médico trabalhista e um engenheiro para observar as condições de trabalho; as horas-extras serão pagas.

Segundo: porque o próprio sindicato da classe estava contra. José Umbelino dos Santos, presidente do sindicato é conhecido como "pelego"; fez tudo para convencer os garis a voltar ao trabalho. Ele dizia: "minha posição é a posição do governo. Não sou maluco de fazer reivindicações que o governo não queira." Terceiro: mesmo tendo sido declarada ilegal - foi enquadrada no decreto lei 1632 que proíbe paralisação do trabalho em "atividades essenciais" - a greve continuou. As pressões foram enormes: Um dos líderes grevistas foi preso em sua própria casa e os 400 garis que iniciaram a greve, no Encantado, mantendo-se parados em frente à sede distrital da companhia foram dispersados por dois camburões e duas patrulhas da polícia militar.

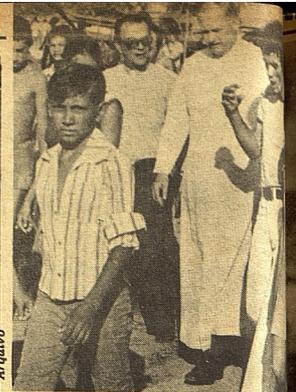
Mesmo com aumento de 165% no salário, a situação dos garis continua entre as mais difíceis dos trabalhadores urbanos. Como disse ao jornal O Globo, Carlos Roberto da Conceição, gari que foi preso em Osvaldo Cruz, a uma hora e meia do centro da cidade. Ele tem mulher e três filhos, e disse: "Saindo às dez, onze horas da noite e tendo que entrar às 7, quando é que a gente dorme? O gari trabalha na cidade mas mora lá no fim da zona Norte. A gente só vê os filhos no domingo que é a única folga. Se faltar no feriado é suspenso por três dias e perde o prêmio. Se apresentar dois atestados médicos por mês, perde o prêmio também. Quem é que pode viver com um salário assim?"

MOTORISTAS

Vitória, apesar da violência

Os motoristas continuam alastrando o seu movimento por melhores condições de vida. Depois de Jundiá, na semana passada (ver Movimento nº 190), foi a vez de Juiz de Fora, MG, que parou no dia 20, por causa da greve que paralisou 90% dos ônibus da cidade. E em Salvador, BA, greve idêntica só foi frustrada pela ação da Polícia Militar que no dia 15 colocou policiais nas garagens de todas as empresas e nos terminais dos ônibus desde às 4 horas da madrugada. Em Juiz de Fora, os motoristas e trocadores foram acompanhados pelos mecânicos que recusaram o acordo firmado pelo sindicato da classe aumentando os salários de 2500 para 3.800 cruzeiros. Para evitar tumultos e prender os líderes do movimento - considerado ilegal pelo próprio sindicato - foram mobilizados 200 homens da Polícia Militar. A situação ficou tão difícil na cidade que estiveram reunidos o general comandante Edmundo Murgel e o comandante do 2º batalhão de polícia, coronel Décio Pereira da Silva. Numa das praças da cidade, os policiais armados de fuzis e cassetetes ameaçaram lançar bombas de gás lacrimogênio sobre a concentração de motoristas no momento em que alguns deles ensaiavam um quebra-quebra dos ônibus dirigidos pelos fura-greve.

Foram presos 25 motoristas. Nos poucos ônibus que circularam lotados, iam também PMs armados com fuzis. Aproximadamente 100 mil operários ficaram sem transporte. Mesmo assim os passageiros que desde as primeiras horas da manhã se aglomeravam nos pontos de ônibus protestaram contra a violência empregada pela polícia. Enquanto isso, o sindicato firmou novo contrato na base de 4 mil cruzeiros, quando os motoristas pretendiam um salário de 5.200 cruzeiros. Vitória parcial, pois ganhavam 2.500. No dia seguinte à greve, para que não houvesse continuidade no movimento, foram mobilizados 410 homens armados.



O bispo: tem meias vermelhas, é comunista.

• A favela aplaude o bispo
O ataque aos favelados de Fortaleza acontecendo há mais de três meses, terça-feira os moradores da favela Bastos estavam cercados por um pelotão de policiais. O coronel João Furtado, prestes a um truco de despejo. Mas, de repente, chegou o D. Aloisio Lorscheider, cardeal arcebispo de Fortaleza, Presidente do CNBB e do Celam, recém vindo de Roma. Os favelados receberam a visita com faixas e aplausos, mas o coronel sumiu e um tenente da aeronáutica que o ajudava nessa "opera" bateu rapidamente em retirada. Saíram um tremulo advogado do coronel, como se estivesse diante de Deus, e o despejo parou. E mais tarde o coronel chamou a atenção para as meias vermelhas do bispo. "Vê? Comunista."

• Na rua, contra a carestia
O Movimento do Custo de Vida, chamado Movimento Contra a Carentaria, voltou às ruas de São Paulo. Dia 11 integrantes do movimento, representando seus 23 setores, distribuíram manifestos na Praça da Sé criticando os últimos aumentos da carne, da luz, da gasolina e do gás. Muito bem recebida, a ação recebeu comentários de muitos dos que receberam o manifesto, todos revoltados com as medidas mais recentes do governo e o aumento da carestia.

• Professores pela anistia
Com a participação de 34 entidades de todo o país, realizou-se na semana passada na Universidade de São Paulo o Encontro de Docentes Universitários. O encontro, presidido pelo prof. Modesto Carvalhosa, da ADUSP, encerrou-se no domingo com a aprovação de uma resolução sobre a reforma universitária, o documento diz que "o estreitamento das relações das Associações de Docentes Universitários com todas as forças políticas nacionais empenhadas na superação da situação conservadora é que poderá fazer florescer os princípios democráticos almejados. O documento defende ainda a necessidade de ações que ponham termo às arbitrariedades na Universidade; produção de documentação e denúncia de todos os atos de autoritarismo e repressão; luta pela reintegração de docentes afastados por atos de exceção; repúdio à repressão aos estudantes e funcionários; e luta pela anistia ampla, geral e irrestrita.

A 2ª greve, desde 1964
Cansados de ouvir promessas, os lavradores da fazenda Barigui, de Itanhaém, litoral sul paulista, iniciaram greve no dia 21 - a segunda na zona rural, desde 1963. "Queremos dinheiro na mesa. Nossas roçadeiras trabalham mais de graça". Há seis meses ninguém recebe salários. Arnóbio Vieira da Silva, presidente do sindicato rural de Itanhaém, previu o início de greve também nas fazendas Banaurea e Maripá, pois também não pagam há 4 e 2 meses. Nessas três fazendas, em junho do ano passado, 1200 trabalhadores pararam o serviço, também por falta de pagamento. Os "bananeiros" do litoral de São Paulo ganham apenas salário mínimo e, por isso, vêm-se obrigados a fazer horas extras: a maioria trabalha 14 horas por dia, e ainda emprega seus filhos menores a 200 cruzeiros mensais per capita. São explorados pelos patrões através de armazéns mantidos pelas fazendas. Não ficam devendo.

HUGO ABREU REABR

EXCLUSIVO

As 12 mais do Mar de Lama

No último capítulo de seu livro *O outro lado do poder* Hugo Abreu apresenta, além de uma negra previsão para o governo Figueiredo, 12 casos exemplares de corrupção, tráfico de influência e arbítrio ocorridos nos últimos anos. Basicamente são os seguintes:

1 - **RELATÓRIO SARAIVA** - Durante sua passagem pela embaixada do Brasil em Paris, o futuro ministro Delfim Neto teria participado de transações ilegais, recebendo porcentagens de negócios do Brasil com o exterior. As acusações constam do relatório do adido militar na embaixada, Coronel Raimundo Saraiva.

2 - **O ESCÂNDALO DO PETRÓLEO** - Em Março de 78 Shi-geaki Ueki anunciou a existência de um vasto lençol petrolífero na baía de Santos. A descoberta não passava de um engodo, pois dias antes a corretora Laureano, de propriedade de um filho de Golbery, havia comprado na baixa milhares de ações da Petrobrás, que subiram após a revelação de Ueki.

3 - **O CASO DA USINA NUCLEAR** - A revista alemã *Der Spiegel* denunciou o ministro Calmon de Sá de ter sido beneficiado pelo Acordo Atômico Brasil-Alemanha, através da construtora Norbert Odebrecht, da qual Calmon de Sá fora diretor. A construtora foi escolhida para a construção das usinas Angra II e III, sem concorrência pública.

4 - **A COMPRA DA LIGHT** - O atual governo comprou a Light por 380 milhões de dólares, e assumiu a dívida da empresa (1 bilhão de dólares), às vésperas da empresa passar automaticamente para o Estado, com o fim da concessão. No total a operação custou 35 bilhões de cruzeiros ao país.

5 - **PROJETO JARI** - Heitor Aquino, ex-empregado do milionário norte-americano o Daniel Ludwig, foi acusado de usar de sua influência no Planalto, como secretário de Geisel, para favorecer os interesses (Projeto Jari) daquele empresário no Brasil. Golbery também teria agido pessoalmente em prol do Projeto junto aos altos escalões do governo.

6 - **DOW CHEMICAL/GOLBERY** - A Dow Chemical, empresa norte-americana, é a única empresa privada no Brasil a possuir um porto particular, além de outros benefícios exclusivos. Estas coisas são possíveis graças às influências de Golbery, ex-funcionário daquele truste.

7 - **FERROVIA DO AÇO** - Um dos casos mais exemplares da má administração do dinheiro público no Brasil. Deveria ficar pronta em mil dias e somente suas obras civis, que ficariam em 9,4 bilhões de cruzeiros, já se elevaram para 30 bilhões de cruzeiros. O prazo para o término também subiu: dos 3 anos planejados para 15 anos.

8 - **O ROMBO NA CAIXA ECONÔMICA** - Em sua rápida passagem pela CEF, Humberto Barreto, amigo particular do presidente Geisel, deixou um "rombo" de 21 bilhões de cruzeiros. Karl Rischbieter, presidente na gestão anterior, já havia transformado a CEF num "Banco de Dívidas".

9 - **CAMPANHA DA PECHINCHA** - Em entrevista ao *O Estado de São Paulo*, no ano passado, o major dissidente Adalberto Barreiros, informava que o governo gasta muito mais do que o necessário em suas campanhas publicitárias. A Campanha da Pechincha seria um exemplo: por pressão do ministro Mário Henrique Simonsen, custaria 70 milhões de cruzeiros aos cofres públicos, mas acabou ficando por 14 milhões. E mesmo assim saiu cara.

10 - **CAMAÇARI** - "O polo petroquímico da Petrobrás em Camaçari está a serviço de interesses estrangeiros" - denunciou o deputado federal João Cunha. Referiu-se ao fato de Ralph Rosemberg, diretor da multinacional Cevokol S.A. Ind. e Com. de Produtos Químicos, ser um dos maiores acionistas da Petrobrás. Também várias personalidades do governo, como Paulo Egídio, Golbery e Ueki, estão ou estiveram ligados a Cevokol.

11 - **CONTRATOS DE RISCO NA AMAZÔNIA** - O governo está disposto a adotar o sistema de "contratos de risco" para explorar a Amazônia, beneficiando principalmente as empresas estrangeiras (veja matéria nesta edição).

12 - **CPI DA CORRUPÇÃO** - Parlamentares do MDB tentaram constituir uma CPI, no final do ano passado, para investigar 20 casos de corrupção sob a administração Geisel. O governo no entanto pressionou os senhores da Arena para que não possibilitassem número suficiente de assinaturas para a criação da CPI.



A tentativa do jornal *O Estado de S. Paulo* de dar a volta por cima em dois "furos" do *Jornal do Brasil*, do Rio, acabou provocando o lançamento de mais um petardo do general Hugo Abreu contra a chamada "gang do Planalto".

A história é mais ou menos a seguinte: nas últimas semanas, o *Jornal do Brasil* publicou, com exclusividade, dois documentos de grande importância - as diretrizes do futuro governo Figueiredo e os planos secretos de Roberto Campos para uma aproximação ainda maior do regime com os Estados Unidos. Diante destes "furos", a direção do *Estadão* encarregou Carlos Chagas, chefe da sucursal de Brasília, de arranjar alguma outra "bomba", exclusiva.

A resposta não tardou: Carlos Chagas divulgou, com exclusividade, na segunda-feira da semana passada, as principais passagens do livro *O outro lado do poder*, que o general Hugo Abreu concluiu recentemente e que será lançado em abril, depois da passagem do general para a reserva. Mais do que um "furo", foi mais uma investida contra o "grupo" do general Golbery do Couto e Silva, encastelado no Planalto há vários anos.

Os desmentidos e o mal estar que as revelações provocaram, além da expectativa que criaram, garantem para o general dissidente, no mínimo, um grande sucesso editorial.

Dos oito capítulos do livro, a maior parte é dedicada ao relato do que Hugo Abreu presenciou no Planalto desde que ali chegou, em 1974, indicado pelo general Orlando Geisel, irmão de Ernesto. São contadas em detalhes as maquiavélicas intrigas palacianas no processo sucessório, que terminaram por provocar sua demissão do cargo de Chefe do Gabinete Militar; os absurdos métodos através dos quais os emedebistas eram cassados: às vezes os membros do Conselho de Segurança Nacional eram ouvidos apenas por telefone, e no caso de Alencar Furtado foi uma decisão exclusiva de Geisel, depois de uma noite mal dormida; as escutas telefônicas feitas pelo SNI com o total apoio do presidente; e dezenas de outros episódios presenciados ao longo de quase quatro anos.

No último capítulo, que receberá o título de *O Estado e a Nação*, Abreu analisa a conjuntura nacional e conclui que Figueiredo não terminará o seu governo.

Depois de apresentar doze denúncias exemplares de corrupção - que *Movimento* publica ao lado - Hugo Abreu prevê a agudização da crise econômica, política e militar, que, aliada à incompetência de Figueiredo para um cargo de liderança, farão com que tenha um curto reinado; seguramente o futuro presidente não chegará ao final do mandato.

A primeira grande crise virá nos próximos meses, quando os setores mais reacionários da cúpula militar provocarão uma guinada do regime ainda mais à direita. Mas não serão estes setores que interromperão o reinado de Figueiredo: "O povo não suporta mais a ditadura" - é o que diz o livro. "Está maduro para derrubá-la, e as Forças Armadas, fora algumas exceções nas cúpulas, também são povo e reagirão com todos os meios ao seu alcance para derrotar de uma vez todas as exceções e o arbítrio".

O principal alvo do livro são os assessores íntimos de Geisel, que, sob a chefia de Golbery, fizeram do presidente um jogador em suas mãos, ou seja, dos interesses qualificados de "antinationais". É um alvo muito vulnerável: só o general Golbery está envolvido diretamente em três dos doze ca-

sos mais flagrantes de corrupção e arbítrio. O mar de Aquino, secretário particular do presidente, é de "moço de recados dos interesses antinationais".

As denúncias não são inteiramente novas. Mas o mérito de confirmar e aprofundar casos já denunciados em oposição, graças à antiga posição do general dissidente, homem íntimo do alto poder, tão próximo do presidente até de seu prazer, no mínimo estranho, de ficar do e mostrando a várias pessoas gravações de alguns de seus generais; e que não titubeia em dizer que Geisel "faltou à verdade" diversas vezes durante o processo sucessório.

O livro não apresenta provas de todas as denúncias, esta é uma tarefa do governo, que dispõe de meios para investigar: "Isto pelo menos daria um pouco mais de trabalho ao SNI, que não faz outra coisa senão conversar telefônicas alheias".

O general, porém, não deixa os interessados sossegados. Por exemplo: se o governo quiser uma cópia do Relatório de Raiva, que fala das "folias" de Delfim Netto quando xador em Paris, poderá obtê-la no Estado Maior do Brasil (uma vez que a cópia do SNI "evaporou", conforme o livro havia denunciado recentemente). Maiores provas sobre o favorecimento do governo ao multimilionário americano Daniel Ludwig e seu "Projeto Jari", através de um financiamento irregular, podem ser encontrados num minucioso relatório feito pela Marinha e que não enviou ao presidente Geisel.

O governo nunca foi atrás destas provas. Pelo contrário sempre achou mais conveniente perseguir quem faz denúncias. E o general Hugo Abreu dá um exemplo disso: o próprio jornal *Movimento*, cujo diretor regularmente responde a processos na Justiça Militar, não enviou ao presidente Geisel.

O livro não apresenta provas de todas as denúncias. E o general Hugo Abreu dá um exemplo disso: o próprio jornal *Movimento*, cujo diretor regularmente responde a processos na Justiça Militar, não enviou ao presidente Geisel.

O livro não apresenta provas de todas as denúncias. E o general Hugo Abreu dá um exemplo disso: o próprio jornal *Movimento*, cujo diretor regularmente responde a processos na Justiça Militar, não enviou ao presidente Geisel.

A publicação do livro (e mesmo as revelações) reabre algumas das chagas mais doloridas do regime de corrupção, a subordinação aos interesses imperialistas e o trio desvairado.

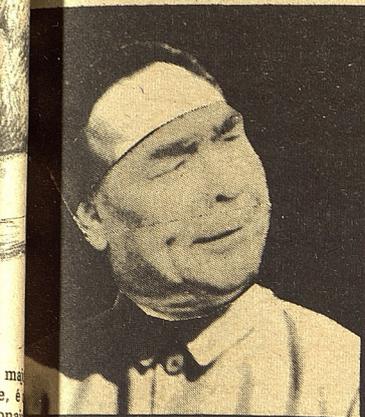
A estocada de Hugo Abreu causa maiores embaralhamentos ao fato do governo estar trabalhando com afinco na recuperação de todas suas forças para enfrentar as reações políticas ao novo período de "apertar os cintos" que Figueiredo pretende impor à nação. A imagem de austeridade e moralidade, fundamental neste período, é mais uma vez afetada.

Uma punição - prevista - do Ministério do Exército impedirá que as denúncias ecoem em setores da oficialidade, como anunciava na semana passada o comentário de assuntos militares Evandro Paranaíba, nem a publicação do livro. Se for censurado, setores da oficialidade dissidente encarregarão de distribuir cópias xerografadas aos oficiais.

Enquanto o governo estuda se é conveniente ou não punição, Hugo Abreu prepara o segundo livro, que abordará os episódios mais recentes e que culminaram com a ditadura Euler (veja na página ao lado). E também quais formas de atuação adotará na reserva, quando se-á mais liberado para dar opiniões públicas e mesmo publicar documentos contrários ao "grupo" de Golbery.

defende em livro tese surpreendente:
chinês é uma variante do soviético.

BRUSCHEV BREJNEV



que as opiniões dos comunistas, ou a seu respeito, não circulam livremente em nosso país.

Neste número apresentamos trechos de um livro que parece destinado a aguçar ainda mais as contradições entre os "socialistas", trata-se de "O Imperialismo e a Revolução", de Enver Hodja, fundador e secretário geral do Partido do Trabalho da Bânica, publicado pela primeira vez em abril de 1978 e que só havia sido distribuído recentemente no seio daquele partido. Em dezembro, no entanto, apareceu nas livrarias da Europa.

O livro expõe a visão de Hodja dos pla-

nos estratégicos dos imperialismos — a seu ver o americano, o soviético e o chinês. E no seu capítulo final traz as afirmações mais explosivas. Elas parecem selar de vez a ruptura entre as duas correntes do comunismo que até há alguns dias estavam unidas contra os soviéticos — a dos comunistas chineses e albaneses: diz Hodja que a China nunca foi um país socialista, nem Mao jamais praticou o marxismo-leninismo. A surpresa é maior porque até há bem poucos os albaneses consideravam Mao "eminente teórico marxista-leninista". Pela sua novidade e importância, traduzem-se a seguir as passagens fundamentais desse capítulo. (RP)

● "Com tal plataforma organizativa, o PC da China nunca foi nem podia ser um partido marxista-leninista. Nele não se respeitavam os princípios e as normas leninistas. O Congresso do Partido não era convocado regularmente. O poder ilimitado de Mao Tsé-tung chegava ao extremo de designar seus herdeiros. Em um tempo nomeou a Liu Shao-chi como seu substituto. Mais tarde proclamou que seu herdeiro seria Lin Piao. Por último designou a Hua Kuo-feng. O próprio Mao criticava, julgava, castigava e depois reabilitava altos dirigentes do Partido e do Estado. Sob o nome de "Gabinete Geral", Mao criou a seu redor um aparato especial que vigiava e controlava o Birô Político, o Comitê Central, os quadros do Estado, do Exército, da segurança etc. A todos inclusive aos membros do Birô Político, era proibido entrar nesse Gabinete ou conhecer seu trabalho. O pessoal deste Gabinete se encontrava em toda parte, vigiava, espiava e informava de maneira independente e fora do controle do Partido. Ademais, o Gabinete tinha à sua disposição toda uma série de destacamentos armados, que se ocultavam sob o nome de "guarda do presidente Mao". Esta guarda pretoriana, integrada por mais de 50.000 homens, entrava em ação quando o presidente decidia "atuar de um só golpe", como ocorreu amiúde na história do PC da China e como sucedeu recentemente com a detenção dos "Quatro" por ordem de Hua Kuo-feng."

● "A essência antimarxista do pensamento de Mao Tsé-tung acerca do partido e de seu papel se vê também na forma como concebia teoricamente e aplicava na prática as relações entre o Partido e o Exército. Deixando de lado as fórmulas utilizadas por Mao Tsé-tung de que "o partido é que manda nos fuzis" etc., na prática concedia ao Exército o papel político principal na vida do país. Para liquidar seus adversários ideológicos, Mao sempre mobilizou o Exército. Levantou o Exército com Lin Piao à frente contra o grupo de Liu Shao-chi e Deng Xiao-ping. Mais tarde, junto com Chu En-lai, organizou e lançou o Exército contra Lin Piao. Também depois da morte de

Mao, Hua Kuo-feng se apoiou no Exército para deter seus adversários. Atualmente na China a lei é ditada pelas frações mais poderosas do Exército, precisamente as mais reacionárias, as quais têm como meta transformar a China num país social-imperialista. No futuro, à medida que a China se converta numa superpotência imperialista, crescerão cada vez mais o papel e a força do Exército na vida do país."

No fundo, a concepção de Mao é metafísica

● "Segundo o pensamento de Mao Tsé-tung, um regime democrático novo só pode existir sobre a base da colaboração de todas as classes e de todos os partidos, e só assim se pode construir o socialismo. Ao preconizar a necessidade de que existam muitos partidos na direção do país, de que exista o chamado pluralismo partidário, está em oposição total à doutrina marxista-leninista sobre o papel incompartilhável do partido comunista na revolução e na edificação socialistas."

● "As concepções revisionistas de Mao Tsé-tung têm sua base na política de colaboração e de aliança com a burguesia, que o PC da China aplicou constantemente. Também a linha antimarxista e antileninista de que "se abram cem flores, cem escolas disputem entre si" tem sua origem nesta política e é manifestação direta da coexistência de ideologias opostas. Segundo Mao Tsé-tung, na sociedade socialista, paralelamente à ideologia proletária, ao materialismo e ao ateísmo, há que permitir a existência da ideologia burguesa, do idealismo e da religião."

● "Nos escritos de Mao Tsé-tung se fala frequentemente do papel das revoluções no processo de desenvolvimento da sociedade, porém na essência ele se atém a uma concepção metafísica, evolucionista. Contrariamente à dialética materialista, que sus-

tenta o desenvolvimento progressivo em forma de espiral, Mao Tsé-tung prega o desenvolvimento em forma cíclica, giratória, como um processo ondulatório que passa do equilíbrio ao desequilíbrio e novamente ao equilíbrio. Ao tratar das contradições, não parte das teses marxistas, mas das teses dos antigos filósofos chineses, considerando os contrários de maneira mecânica como fenômenos externos e imaginando a transformação dos mesmos como uma simples inversão dos dois termos."

● "Segundo Mao Tsé-tung, o regime comunista será a negação do socialista. Deste modo, ao rever abertamente a concepção marxista-leninista sobre o socialismo e o comunismo, que no fundo são duas fases de um mesmo tipo, de uma mesma ordem econômico-social, que se diferenciam unicamente por seu grau de desenvolvimento e maturidade, apresenta o socialismo como algo diametralmente oposto ao comunismo."

Chu: mestre de compromissos, sem princípios

● "As concepções antimarxistas de Mao Tsé-tung sobre a revolução, às vezes evolucionistas, outras vezes anarquistas, aparecem com maior clareza quando trata dos problemas da revolução na China. Todo o desenvolvimento da revolução chinesa é prova da trajetória caótica do PC da China, o qual não se guia pelo marxismo-leninismo, mas pelas concepções antimarxistas do pensamento de Mao Tsé-tung sobre o caráter da revolução, sobre suas etapas, sobre suas forças motrizes etc. Mao Tsé-tung nunca pôde compreender e explicar corretamente os estreitos vínculos que existem entre a revolução democrático-burguesa e a revolução proletária. Em oposição à teoria marxista-leninista, que sustenta cientificamente que entre as duas etapas da revolução não se levanta uma muralha da China, que elas não devem estar separadas por um longo período de tempo, Mao Tsé-tung pregava que a etapa da revolução democrático-burguesa devia prosseguir por longo tempo. A isto estava ligada também sua tese sobre a convivência do socialismo com a burguesia durante um período de tempo muito longo, considerando isto como algo útil tanto para o socialismo como para a burguesia. A esta concepção antimarxista, que não luta pela transformação da revolução democrático-burguesa em revolução socialista, se ateu Mao Tsé-tung ao longo de toda a revolução, inclusive depois da Libertação."

● "Segundo o ponto de vista de Mao Tsé-tung, o regime implantado na China depois da Libertação devia ser um regime democrático-burguês, embora, aparentemente, devesse estar no poder o PC da China."

● "As concepções antimarxistas do pensamento de Mao Tsé-tung sobre a revolução aparecem ainda mais claras quando Mao enfoca as forças motrizes da revolução. Mao Tsé-tung não reconhecia o papel hegemônico do proletariado. Embora falasse no papel do proletariado, na prática substituiu sua hegemonia na revolução e realçou o papel do campesinato. Mao Tsé-tung expressava esta teoria pequeno-burguesa na tese global de que "o campo deve cercar a cidade". Na revolução chinesa predominou a pequena e média burguesia. É esta ampla camada que influenciou em todo o desenvolvimento da China."

● "A tese sobre o papel hegemônico do campesinato na revolução foi preconizado por Mao Tsé-tung também como a via da revolução mundial. Daqui parte a concepção antimarxista que considera o chamado Terceiro Mundo como a força motriz principal para a transformação da sociedade contemporânea."

● "O PC da China manteve uma atitude benevolente, oportunista para com as classes exploradoras e Mao Tsé-tung pregou abertamente a integração pacífica dos elementos capitalistas no socialismo. Partindo de tais concepções antimarxistas, segundo as quais os inimigos de classe com o passar do tempo se emendam, pregou a conciliação de classe com eles, e permitiu que continuassem enriquecendo-se explorando, expressando-se e atuando livremente contra a revolução. Como resultado, na sociedade chinesa existiram e continuam existindo não apenas remanescentes econômicos, políticos, ideológicos e sociais do passado, mas também as classes exploradoras

enquanto classes, as quais continuaram e permaneceram no poder. A burguesia não só não deixou de existir, como continua beneficiando-se das rendas de seus antigos bens."

● "O pensamento de Mao Tsé-tung, enquanto doutrina antimarxista, substituiu o internacionalismo proletário pelo chauvinismo de grande Estado. Em relação à União Soviética, Mao Tsé-tung e companhia abrigaram pontos de vista chauvinistas, pontos de vista de grande Estado. Tiveram, por assim dizer, certo ciúme burguês."

● "Estas questões que acabamos de analisar não esgotam todo o conteúdo antimarxista e antileninista do pensamento de Mao Tsé-tung. Não obstante, são suficientes para concluir que Mao Tsé-tung não foi um marxista-leninista, mas um revolucionário democrata, progressista, que durante um largo período de tempo permaneceu à frente do PC da China e desempenhou um papel importante no triunfo da revolução democrática, antiimperialista da China. Dentro e fora da China, recebeu o nome de grande marxista-leninista. E ele mesmo se fazia passar por comunista, por um dialético marxista-leninista, porém não o era. Era um eclético que juntava vários elementos da dialética marxista com o idealismo, com a filosofia burguesa e revisionista, e inclusive com velha filosofia chinesa."

● "No novo Estado chinês um papel especial foi desempenhado por Chui-Enlai. Era um economista e organizador capaz, porém jamais foi um político marxista-leninista. Como pragmático típico que era, soube levar à prática suas concepções não-marxistas e acomodá-las com perfeição a cada grupo que tomava o poder na China. Era um mestre dos compromissos sem princípios."

● "A revolução chinesa não passou de uma revolução democrático-burguesa e não chegou a se transformar numa revolução socialista."

● "A revolução na China, que levou à libertação do país, à criação do Estado chinês independente, foi uma grande vitória para o povo chinês, para forças antiimperialistas e democráticas do mundo. Depois da libertação na China se operaram bastantes mudanças positivas: liquidou-se a dominação do imperialismo estrangeiro e dos grandes latifundiários, combateram-se a pobreza e o desemprego forçado, realizaram-se uma série de reformas econômicas e sociais em favor das massas trabalhadoras, lutou-se contra o atraso educacional e cultural, adotaram-se diversas medidas para reconstruir o país destruído pela guerra, levaram-se a cabo inclusive algumas transformações de caráter socialista. Na China, onde antes o povo morria aos milhões, já não havia fome nem outros flagelos. Tudo isto são feitos invejáveis, são vitórias importantes do povo chinês. Devido à adoção destas medidas e ao fato que o PC da China chegou ao poder, criou-se a impressão de que a China se encaminhava para o socialismo. Porém não ocorreu assim. O PC da China, que depois do triunfo da revolução democrático-burguesa devia avançar, se mostrou "democrático", liberal, oportunista e não orientou o país de maneira consequente pelo justo caminho do socialismo. Os pontos de vista políticos e ideológicos não-marxistas, ecléticos, burgueses de Mao Tsé-tung deram à China libertada uma superestrutura instável, uma organização estatal e econômica caótica, que nunca se estabilizou. A China se debatia numa desordem permanente, inclusive anárquica, desordem que era estimulada pelo próprio Mao Tsé-tung."

● "É certo que o PC da China se chamava comunista, porém evoluiu em outra direção em um caminho liberal caótico em um caminho oportunista, e não podia ser uma força capaz de guiar o país para o socialismo. O caminho que percorria e que se concretizou mais claramente depois da morte de Mao, não era o caminho do socialismo, mas o da construção e um grande Estado burguês, social-imperialista."

● "Na China e também no exterior, existem pessoas que, ao observar estas manobras reacionárias, comparam a luta de Deng Xiao-ping contra Mao, que jamais foi um marxista-leninista, com o crime perpetrado por Krushov que lançou lama sobre Stálin, o que foi e continua sendo um grande marxista-leninista. Ninguém que enxergue dois dados adiante do nariz pode admitir tal analogia. A comparação mais justa que se pode fazer é a seguinte: Brezhnev e seu grupo revisionista derrubaram Krushov e agora o Brezhnev chinês, Deng Xiao-ping, está derrubando do pedestal ao Krushov chinês, Mao Tsé-tung."

O que teria havido com a música de carnaval? O pessoal que já passou dos trinta anos de idade lembra-se perfeitamente que, nas festas de Natal e Ano, já se sabia o que seria cantado no próximo carnaval. Agora, mesmo na Quarta-Feira de Cinzas não se conhece qualquer novidade, a não ser o que foi lançado pelas escolas de samba.

Aquele que brinca mesmo no carnaval canta as músicas de antigamente e os sambas-enredo. De vez em quando, surge um samba lançado sem nenhuma pretensão carnavalesca e que invade o carnaval. Como foi o caso, neste ano, de **Vou Festejar** (Dia, Neuci e Jorge Aragã), gravado por Beth Carvalho. Exemplos como esse são apenas exceções que confirmam a regra.

Se for levado em conta que, na década de 50, a média de canções carnavalescas lançadas em cada ano chegava a 1.500, será fácil concluir que esse gênero de música anda muito mal. Os maiores clássicos dos anos 20, 30 e 40, de toda a música popular brasileira, surgiram no carnaval.

O que foi que houve? As interpretações são muitas, mas parece não haver dúvida de que ocorreu uma crise na divulgação. O compositor ainda faz sambas e marchas muito bem. E o público provavelmente está pronto para cantar músicas novas no carnaval. Mas não canta simplesmente porque não toma conhecimento delas.

Voltemos à década de 50. De que maneira as emissoras de rádio poderiam transmitir 1.500 músicas? Era absolutamente impossível. Foi aí que predominou a malandragem que provocou a morte da canção carnavalesca. Como diz a filosofia popular, malandro demais se atrapalha. A crise aconteceu em consequência de uma sucessão de golpes baixos:

1. O compositor passou a dar presentes (gravatas, garrafas de bebidas, etc) para os programadores das estações de rádio, em troca da divulgação de suas músicas.

2. O compositor achou que era pouco e passou a dar dinheiro a disc-jóqueis, discotecários e programadores.

3. Um terceiro deu início a uma nova modalidade de suborno: faziam dessas figuras do rádio simplesmente parceiros de suas músicas. É só dar uma olhada nas músicas carnavalescas dos anos 50 para se ver quantos disc-jóqueis, apresentadores, discotecários e programadores eram tidos como autores de músicas que, possivelmente, nem sabiam cantar.

4. Os proprietários das emissoras conheciam tudo isso. Mas fechavam os olhos porque os seus empregados, ganhando dinheiro por baixo do pano, não faziam reivindicações de natureza trabalhista.

5. Por último, ao verificarem que o dinheiro que rolava era muito grande, os proprietários passaram a vender espaço diretamente aos compositores. Organizados em cooperativas, os autores compravam horários nos quais eram transmitidas apenas as suas músicas.

E a corrupção matou a música de carnaval.

Por que tanto interesse pelo sucesso carnavalesco? Por uma razão muito simples: esse era o tipo de música que rendia mais direitos autorais em menor tempo. O samba ou a marcha eram lançados no final do ano, cantados nos bailes de carnaval e, em abril ou maio, as sociedades arrecadoras e distribuidoras de direito autoral pagavam a todo mundo. Para se ter uma idéia do que isso significa, um compositor como Zuzuca do Salgueiro, por exemplo, arrecada atualmente, em cada carnaval, cerca de 400 mil cruzeiros, com quatro músicas: *Pega no Camazê* (cujo verdadeiro nome é *Festa para um rei negro*), *Tengo-Tengo* (Minha Madrinha Mangueira), *Boi da Cara Preta* e *Vem Chegando a Madrugada*. João de Barro, com seus antigos sucessos (*As Pastorinhas*, *Touradas em Madri*, *Chiquita Bacana*, etc) fatura quase igual a Zuzuca.

A campeã absoluta dos últimos carnavais - só ela rende mais de 200 mil cruzeiros - é *Mamãe eu Quero* (Jararaca e Vicente Paiva), lançada para o carnaval de 1937.

Esse processo afastou os bons compositores de carnaval da competição. Muitas emissoras de rádio, temerosas de serem envolvidas no processo de corrupção, também deixaram de transmitir músicas carnavalescas. Sendo o fato uma questão de dinheiro, as canções mais cantadas já não eram as mais bonitas - ou as escolhidas pelo gosto do povo - mas aquelas feitas por compositores que tiveram mais dinheiro para investir.

Num sistema tão confuso como esse, os discos com gravações de carnaval deixaram de interessar ao público consumidor e as próprias gravadoras foram abandonando esses discos. Era essa a situação em meados dos anos 60, quando o lugar da canção tradicional foi aos poucos sendo



- Estamos à beira do abismo! Não sei onde iremos parar! - Sim, sim, Porfúrio. Depois nós falamos a esse

FARRA E

“Trabalho como um louco mas ganho muito pouco por isso eu vivo sempre atrapalhado fazendo faxina

ocupado pelos sambas-enredo das escolas de samba.

Algumas tentativas são feitas ainda para ressuscitar o gênero. Emissoras de televisão de pouca audiência promovem festivais, organizações oficiais tipo Riotur promovem concursos, mas nada disso repercute, por falta de divulgação. A TV Globo andou ensaiando uma promoção denominada Convocação Geral, mas ela própria se encarregou de esconder as músicas (na Globo tudo depende da opinião do Boni, seu diretor de programação, que entende muito de televisão, mas que em matéria de carnaval é uma nulidade. Ele não gosta das músicas e não deixa tocar).

Com isso, desapareceu do cenário da música popular brasileira um tipo de música que tinha o efeito de crônica. Nas letras dessas canções estavam registrados todos os acontecimentos que mexiam com o povo: políticos, sociais, policiais, etc.

Quando se dança música estrangeira tipo

discoteca, no carnaval, desaparecem não só os nossos ritmos. Os assuntos diretamente ligados ao nosso povo deixam de ser tratados na boca do folião.

Boa parte da nossa história - quando a censura permitiu - está registrada na música carnavalesca. Os exemplos são muitos e podem ser citados a partir do início do século.

Eis alguns fatos marcantes da vida nacional e as composições que surgiram em torno deles:

● O marechal Hermes da Fonseca, coitado, era tido como uma pessoa que só dava azar. Foi daí que surgiu a música *Filomena*, de J. Carvalho Bulhões, que tratava o marechal-presidente pelo apelido (Dudu):

“*O Filomena
Se eu fosse como tu
tirava a urucubaca
da cabeça do Dudu*”

● Outro fato: o chefe de polícia, Aureliano Leal, resolveu acabar com o “pinguim”

lim”, que proliferava pela cidade. Era uma espécie de roleta de pobres: montava-se o jogo em qualquer esquina e os passantes iam jogando. Os repórteres Castelar de Carvalho e Eustáquio Alves, do jornal *A Noite*, pretendendo provar que Aureliano não acabara com o jogo, montaram um “pinguim” no Largo da Carioca, que foi, inclusive, fotografado, desmoralizando o chefe de polícia.

A música: *Pelo Telefone*; considerado o primeiro samba gravado, teve várias versões. Uma delas - a mais popular - foi incorporada definitivamente à música e tratava de jogo de “pinguim”:

“*O chefe de polícia
pelo telefone
manda me avisar
que na carioca
tem uma roleta
para se jogar*” ...

● O fato: Rui Barbosa foi derrotado nas eleições presidenciais por Epitácio Pessoa e sumiu de circulação, abatido.



gora a culca tá roncando. (J. Carlos - A Careta, 1935)

● O fato: a eleição Júlio Prestes versus Getúlio Vargas.
A música:
Seu Getúlio Vem, de André Filho:
"O Seu Getúlio, vem
O Seu Getúlio, vem
Lá no Catete
só ele nos convém"

● O fato: vitoriosa a revolução de 1930, os estados brasileiros foram ocupados por interventores, quase todos tenentes.

A música: Teu Cabelo Não Nega, de Lamartine Babo e dos irmãos Valença:
"Mulata, mulatinha, meu amor
Fui nomeado teu tenente interventor"

● O fato: a II Guerra Mundial.
A música: Abaixo o braço, de Elpidio Viana e Nelson Trigueiro.

● 'Abaixo o braço
deixa de teima
lugar de palhaçada é no cinema.
Seu Adolfo, prá que tanta valentia
se nós queremos é democracia?"

● O fato: a diminuição do rigor de censura. Com isso os compositores tiveram mais condições de divulgar músicas tratando de problemas do povo brasileiro.
As músicas: Trabalhar, Eu Não, de Almeida:

● "Trabalho como um louco
até fiz calo na mão.
O meu patrão ficou rico
e eu pobre sem tostão.
Foi por isso que agora
eu mudei de opinião
trabalhar, eu não, eu não
trabalhar, eu não, eu não".

● Falta um Zero no Meu Ordenado, de Ari Barroso e Benedito Lacerda:

"Trabalho como um louco
mas ganho muito pouco
Por isso eu vivo sempre atrapalhado
fazendo faxina
comendo no china
tá faltando um zero
no meu ordenado"

● Pedreiro Waldemar, de Roberto Marins e Wilson Batista:

"Você conhece o pedreiro Waldemar?
Não conhece
mas eu vou lhe apresentar.
De madrugada toma o trem da circular
faz tanta casa e não tem casa prá morar
leva a marmitta embrulhada no jornal.
O Waldemar que é mestre no ofício
constrói o edifício
e depois não pode entrar".

● O fato: mudança da capital da República para Brasília e a transferência de milhares de funcionários públicos do Rio de Janeiro para lá.

A música: Não Vou Prá Brasília, de Billy Blanco:

"Não vou prá Brasília
nem eu nem minha família
mesmo que seja
prá ficar cheio da grana.
A vida não se compra
mesmo difícil e tão cara.
Quero ser pobre
sem deixar Copacabana."

● O diretor do Departamento de Turismo, do então Distrito Federal, Mário Saladini, lançou a idéia de se pintar todas as favelas: "para darem melhor impressão aos turistas".

A música: Favela Amarela, de Jota Júnior:

"Favela amarela,
ironia da vida.
Pintem a favela
Façam aquarela
da miséria colorida".

● O fato: o aumento do preço do feijão.
A música: Seu Talão. Vale Um Milhão, de Nelson Trigueira, Elpidio Viana e F. Mesquita:

"O seu talão vale um milhão
dizem todos por aí.
Mas do jeito que as coisas vão
eu troco o meu talão
por cem gramas de feijão.
Doutor feijão
eu agora só lhe vejo
quando é preciso matar algum desejo.
O meu caculá me perguntou com razão
Papai, o que é feijão?"

● O fato: as prisões efetuadas a partir de abril de 1964 por delito de opinião; a remoção de moradores das favelas da zona sul do Rio para conjuntos residenciais instalados nas mais distantes regiões da cidade.
A música Opinião, de Zé Keti:

"Podem me bater
podem me prender
podem até deixar-me sem comer
que eu não mudo de opinião
Daqui do morro eu não saio, não".
Depois de 64 a barra pesou mais para a canção carnavalesca, pelos motivos aqui expostos e por todos os outros que conhecemos.

PROTESTO!

comendo no china
tá faltando um zero
no meu ordenado"

(Falta um zero no meu ordenado, Ari Barroso e Benedito Lacerda)

● A música: Sinhô (José Barbosa da Silva) lançou Fala Meu Loro para o carnaval de 1920:

"A Bahia não dá mais coco
pra botar na tapioca
pra fazer o bom mingau
para embrulhar o carroca
Papai louco
do bico dourado
tu falavas tanto
qual a razão que vives calado?"

● O fato: a campanha presidencial de 1921: Artur Bernardes versus Nilo Peçanha.

A música: os compositores Carca (Luiz Nunes Sampaio) e Freire Júnior tomaram o partido do campista Nilo Peçanha e do seu companheiro de chapa, o baiano J.J. Seabra, e fizeram a marcha Ai Seu Me, contra Artur Bernardes, que tinha os apelidos de Seu Me e Rolinha:

"Ai, seu Me
Ai seu Me

Lá no Palácio das Águias
não há de pôr o pé
o Zé Povo quer a goiabada campista
Rolinha desista
abaixe essa crista"

● O fato: Artur Bernardes foi eleito e se utilizou implacavelmente da censura. A música: Fala Baixo, de Sinhô
"Quero-te ouvir cantar
Vem cá, Rolinha, vem cá"

● O fato: ocupando a presidência da República, Washington Luiz, o "paulista de Macaé", afirmou que "governar é abrir estradas" e anunciou - sem cumprir - adoção do cruzeiro como moeda corrente.

A música: É, sim senhor, de Eduardo Souto:
"Ele é paulista?
É, sim senhor
Falsificador?
É, sim senhor
Cabra farrista?"

É, sim senhor
Matriculado?
É, sim senhor
Ele é estradeiro?
É, sim senhor
Habilitado?
É, sim senhor
Mas o cruzeiro?
É, sim senhor
Ovo gorado?
É, sim senhor."

● O fato: ainda anunciada adoção do cruzeiro. Seu Doutor: música ainda de Eduardo Souto.

"O pobre brasileiro
não tem, não tem, não tem dinheiro
o ouro veio do estrangeiro
mas ninguém vê o tal cruzeiro
ô seu doutor
não zangue não, nem dê o cravaco
ô seu doutor
viver assim é um buraco."

Moniz Bandeira responde a um leitor

Em sua edição de 5 a 11.2.1979, Movimento publicou, em *Cartas Abertas*, um comentário de Carlos Vieira (Londres), sob o título "Um artigo deformado", a propósito de um suposto artigo meu sobre Brizola, o PTB e a Social-Democracia.

Em primeiro lugar, é lamentável que Carlos Vieira não haja prestado atenção na matéria, pois, se o tivesse feito, teria lido, logo no início, que não se tratava de artigo, mas, de uma entrevista por mim concedida ao companheiro Márcio Bueno. Como já esclareci, em carta que Movimento publicou, as perguntas foram cortadas, bem como vários trechos, o que deixou meu pensamento incompleto para muitos leitores.

Assim sendo, não tratei de fazer nenhuma análise, como Carlos Vieira afirma. Quanto à minha afirmativa de que a classe operária não pode dar mais que o PTB, o que ele reconhece como verdade no plano parlamentar, eu não ignorei as outras tendências - no caso, o PCB - postas fora da lei. Em diversas ocasiões salientei que me refiro aos partidos políticos legais até 1964. A razão pela qual a classe operária brasileira não pode produzir coisa melhor merece um estudo mais profundo, tanto do ponto de vista histórico quanto sociológico. Tentei fazer uma abordagem no ensaio *Origem e Evolução do PTB*, onde desdobrei a tese de que o PTB ocupou, no Brasil, o espaço político que corresponderia a um partido social-democrata ou socialista, como expressão dos setores do proletariado que chegavam a uma consciência de classe para si mas ainda não antagonista ao regime. De qual quer forma o fato de que no Brasil os anarquistas dominaram praticamente as organizações operárias, até a década de 1920, até então nunca existiu um expressivo partido socialista, com fundamento no marxismo, que, aliás, só se difundiu, a partir de 1922, com o surgimento do PCB.

A repressão, por conseguinte, pode constituir apenas uma parte da verdade, mas não é justificativa nem para o caso do Brasil nem para o conservadorismo do proletariado alemão. A repressão, por si só, não explica nada. Como compreender, por exemplo, que na Inglaterra, onde funciona um regime de liberdade, não exista uma poderosa esquerda revolucionária? Ou como se pode compreender que na Itália exista um poderoso PC apesar da longa e sistemática repressão fascista, tão violenta e cruel como na Alemanha de Hitler? Se a repressão fosse argumento, como Carlos Vieira explicaria o Partido Bolchevique e a revolução russa, a sobrevivência do PC chinês, apesar dos massacres promovidos pelo Kuomintang, e a sua força para conduzir a revolução, o ressurgimento dos PCs na Espanha e Portugal?

Acontece, por exemplo, que, no caso da

Alemanha, Carlos Vieira esquece os erros da política do Komintern, a do Terceiro Período, que considerava a Social-Democracia e o nazismo como tendências iguais, que chamava os socialistas e todos que defendessem a aliança com eles de social-fascistas e que levou Thelmann e o Partido Comunista da Alemanha a preferirem a ascensão de Hitler, acreditando que assim a revolução social se precipitaria. Não recorde esses episódios, evidentemente, para defender ou justificar as políticas contrarrevolucionárias do Partido Social-Democrata Alemão, que sempre condenei e condeno, combati e combato, mas para mostrar quão errônea é a visão de Carlos Vieira.

Aliás, Carlos Vieira, pouco ou nada entendeu de minhas declarações. Em nenhum momento eu disse que a Social-Democracia europeia é o "aliado fundamental de qualquer partido de esquerda no Terceiro Mundo" ou que os "elementos desta aliança - esquerda no Brasil e movimento operário europeu" - "seriam a luta por maiores salários". Não quero atribuir a Carlos Vieira, a quem não conheço, qualquer má fé. Mas a verdade é que tentei apenas esclarecer, sucintamente, algumas das razões que hoje levam a Internacional Socialista a voltar-se para o Terceiro Mundo (busca de matérias-primas para a Europa, nivelamento dos salários em escala mundial etc.) e que o PTB, reorganizando-se, deve aproveitar, como o fazem a Frente Sandinista de Libertação Nacional, o Partido Socialista Chileno, os Montoneiros etc., para forçar o processo de redemocratização no Brasil. Citei o exemplo da Alemanha, com o seu PSD, porque é um país que pesa nas relações com o Brasil. Não poderia evocar os exemplos da Grécia, Portugal e Espanha porque, segundo me parece, não possuem significativos investimentos no Brasil. Além do mais, creio que os partidos da Internacional Socialista na Holanda, na Bélgica e nos países escandinavos podem fazer muito mais pela democracia no Brasil, por estarem no Governo ou serem opções de Governo, enfim, por serem mais fortes do que as "minorias comunistas" a que Carlos Vieira se refere, esquecendo-se ou ignorando que o PTB não se propõe a substituir o PCB, que tem o seu próprio papel histórico a cumprir.

Por fim, quais os *líderes impostos* de que fala Carlos Vieira? Não foi o povo que elegeu Brizola Deputado Estadual, Deputado Federal, Prefeito de Porto Alegre e Governador do Rio Grande do Sul? Não foi o povo que elegeu Brizola o Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, o mais votado da história do Brasil até 1962? Esquece Carlos Vieira que Brizola deflagrou, no Rio Grande do Sul, o movimento pela reforma agrária, mobilizando milhares de camponeses sem terra? Esquece que nacionalizou a Bond & Share e a ITI, ferindo efetivamente alguns dos tentáculos do imperialismo norte-americano? Esquece que ele levantou as massas no Rio Grande do Sul e, ao desencadear a comoção em todo o País, derrotou a tentativa reacionária de golpe de Estado dos Ministros militares de Jânio Quadros? Esquece Carlos Vieira que ele assim firmou no Brasil uma indiscutível liderança nacional e popular?

Moniz Bandeira
Lisboa-Portugal

Correção

A reportagem publicada na edição nº 190 de Movimento, sob o título *Crimes e Horrores na Polícia Pernambucana*, é de autoria do jornalista Luiz Augusto Falcão.

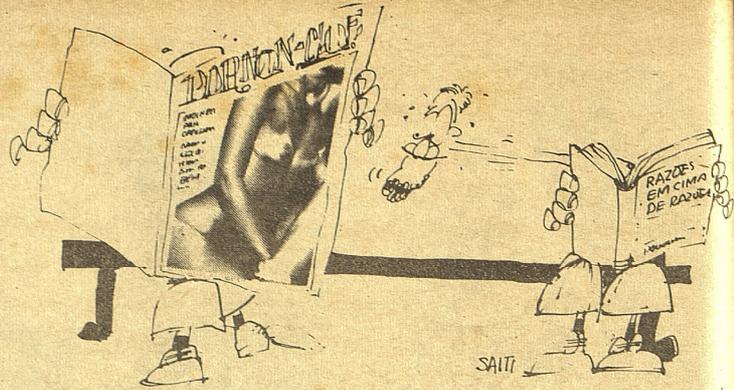
Nossos novos endereços

em Campinas: Rua Carolina Florence, 1644 aos sábados das 15 às 18 horas. Procurar Alvaro.

em Porto Alegre: Rua Casemiro de Abreu, 244 de 2ª a 6ª feira das 20 às 22 horas - procurar Bolívar.

Vendedores

Estamos admitindo vendedores para campanha de venda de assinaturas nas Universidades, em Porto Alegre, Campinas, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Salvador e Recife.



Respeito às fantasias alheias

Ao lado de ilustres e dignas pessoas que procuram desatar o nó da repressão sexual que botou a sexualidade ao ostracismo, deparo-me com uma reportagem destoante do processo emancipador das massas e que visa a retomada às imposições à libido, restrições ao autoconhecimento e ao exercício da liberdade: "Sexo a menos de Cr\$ 30,00". Parcial e deformante são adjetivos que surgem sem esforço algum para qualificá-la.

Ora, a sexualidade, ao contrário do que supôs o estado todo poderoso, não é um

meio para um fim (a procriação). A sexualidade reivindica uma existência em si para si. Ela é um fim em si mesma. Quem reprime e oprime a livre manifestação e o exercício da sexualidade, fazendo com que o homem se curve ao jugo do Estado, são as próprias classes e instituições opressoras interessadas em perpetuar tal jugo, tal status quo.

Destarte, longe de afirmar que as citadas revistas são o máximo de primor e desprendimento, devo propor que se respeite a "fantasia sexual" de cada indivíduo e, se supusermos que seu erotismo é chão, devemos ter em mente que, por causa da agonizante liberdade, seus consumidores não tiveram oportunidade de exercitar e se emancipar para formas expressivas que consideramos as mais nobres e gratificantes.

Wilson Roberto Fugimura
São Paulo - SP

5 BOAS RAZÕES PARA ASSINAR MOVIMENTO

1 É mais econômico: Você paga 27% menos - uma economia de Cr\$ 350,00. Além disso, ainda recebe gratuitamente 10 edições anteriores de Movimento, à sua escolha - um presente que vale Cr\$ 250,00 (se a assinatura for anual).

2 Você pode acompanhar toda semana, em qualquer parte do Brasil, os principais fatos da semana, além de seções exclusivas de Movimento, como a *Cena Brasileira* e a edição semanal brasileira do *Le Monde*.

3 Você tem à sua disposição, durante um ano inteiro, uma fonte de consultas e

referências indispensáveis para atender e agir no Brasil hoje, com estudos sérios e profundos.

4 Contribui para a manutenção e crescimento de uma imprensa independente, que não está submetida à conveniência dos anunciantes, mas que vive apenas com o apoio de seus leitores e somente a eles deve responsabilidades.

5 Contribui para sustentar um jornal democrático que é propriedade coletiva de mais de 300 jornalistas, professores, estudantes e outros profissionais liberais, além de trabalhadores.



O Telefone existe desde 1876 para facilitar sua vida. Use-o para assinar Movimento: você economiza tempo e selo do correio. Telefone para qualquer um dos números abaixo e receba Movimento já na semana seguinte.

DISQUE PARA ASSINAR MOVIMENTO

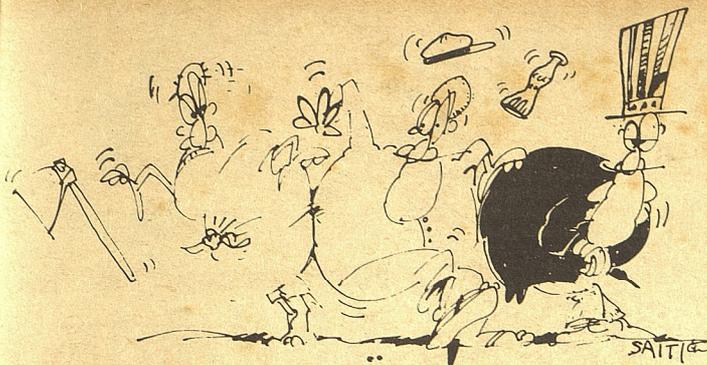
(031) 224-7605	Belo Horizonte
(011) 210-8522	São Paulo
(011) 210-6744	São Paulo
(071) 245-2861	Salvador
(061) 223-7416	Brasília
(081) 221-3728	Recife
(021) 222-6493	Rio



<input type="checkbox"/> ASSINATURA ANUAL Cr\$ 950,00 (Exterior - U\$ 70) Desejo receber gratuitamente 10 exemplares atrasados.	<input type="checkbox"/> ASSINATURA SEMESTRAL Cr\$ 500,00 (Exterior - U\$ 35) Desejo receber gratuitamente 5 exemplares atrasados.
---	--

Estou enviando o cheque nº _____ em nome de Edição SA - Editora de Livros, Jornais e Revistas, Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 625, São Paulo - SP. CEP: 05415. Se a assinatura for feita na Europa, enviar para Caixa Postal CCP 1202254 D-M Villas-Paris. FRANÇA.

Nome	Idade
Profissão	Endereço
Cidade	Estado
	CEP



Solidariedade ao povo vietnamita

Em face aos recentes acontecimentos no Sudeste Asiático, que toda a opinião pública mundial tem conhecimento, cabe aos estudantes brasileiros manifestarem sua posição diante destes gravíssimos fatos que por certo abalam a esperança da humanidade num futuro próximo marcado pela paz, pelo progresso e pela justiça.

Sabemos bem da opressão e covardia que tem sido vítima o povo vietnamita ao longo de sua história. Não obstante, tem sabido responder, este bravo povo, às agressões mundiais caracterizadas por motivos econômicos e estratégicos dos interesses imperialistas do ocidente, que hoje encontram na política externa chinesa seu representante no sudeste asiático.

A significação da viagem do vice-premier Teng Shiao Ping aos Estados Unidos, representação de forma inequívoca o acordo internacional entre o antigo e atual agressor do povo vietnamita.

Estamos certos, porém, que mais uma vez a fibra da nação vietnamita, forjada na luta por sua libertação e independência, por dezenas de anos, não se dobrará ante mais esta agressão.

Respondemos ao apelo do povo vietnamita e divulgamos a nossa solidariedade à luta do Vietnã pela preservação de sua independência e liberdade, bem como convocamos a todos os brasileiros patriotas a igualmente unirem-se aos apelos mundiais pela paz no Sudeste Asiático. Em momentos como estes entendemos a angústia de um bravo povo que vê ameaçado o seu futuro pela ganância dos interesses imperialistas, tal qual nosso povo brasileiro, oprimido e violentado ao longo de sua história.

Pela paz, pelo progresso, pela justiça. Solidariedade ao povo vietnamita!
Sérgio Aguiar de Medeiros
 Presidente do Diretório Central dos Estudantes da PUC/RJ - Membro da Secretaria Executiva da Comissão Nacional PR-UNE.
 Rio de Janeiro - RJ

Uma carta do cárcere

Movimento recebeu, através do Centro Brasileiro de Anistia, a seguinte carta de denúncia da situação dos presos do presídio político de São Paulo:

As instituições ou personalidades comprometidas com a defesa dos Direitos Humanos:

Nós, presos políticos de São Paulo, queremos resumidamente denunciar alguns fatos que nos têm atingido mais diretamente: I - Na semana que se findou, o nosso companheiro Pinheiro Salles, preso há mais de oito anos, foi arbitrariamente punido sob pretexto de haver trocado palavras ásperas com um sargento da guarda do presídio. Sem ao menos ouvir pessoalmente o companheiro e outras pessoas que presenciaram o fato, o Diretor do presídio decidiu puni-lo, com seu recolhimento a uma cela por três dias consecutivos e suspensão de suas visitas, estendendo portanto a punição a seus familiares. Não obstante a nossa solidariedade, ainda uma pena adicional foi aplicada ao companheiro deixando-o no sábado sem tomar café da manhã e sem almoço. Somente mais tarde, diante de nossos veementes protestos, a Direção do presídio determinou que fosse servido o jantar ao companheiro punido.

Nesse mesmo sábado outro fato inusitado veio a ocorrer: para nosso espanto e indignação tomamos conhecimento de que visitantes do sexo masculino eram forçados a se desnudar diante da guarda para entrarem no presídio. Esta forma vexatória de "revista" nunca antes tinha ocorrido nos quatro anos de existência deste presídio. Tentativas nesse sentido foram rechaçadas com veemência pelos presos e não lograram êxito. Frente à iniciativa de humilhar nossas visitas e criar graves incidentes, manifestamos nosso repúdio e assumimos a firme disposição de não permitir que tal prática atinja nossos visitantes.

Porém, as medidas repressivas não param aí. No início da semana, o Diretor do presídio - invocando ordens superiores - anunciou-nos que no Dia Nacional de Visitas aos Presos Políticos não seriam permitidas visitas de autoridades e representantes da imprensa, sem a prévia autorização dos juizes auditores, para cada caso específico. Caso isso se efetive, tal procedimento estará contrariando normas estabelecidas pelo próprio Superior Tribunal Militar. É claro que isso teria por objetivo impedir que senadores, deputados e outras personalidades empenhadas na luta pelos Direitos Humanos pudessem nos visitar e conhecer de perto nossos principais problemas carcerários.

II - Além dessas questões surgidas mais recentemente, enfrentamos certos problemas crônicos em nossa vida carcerária. Um deles se refere à obscurantista censura a livros e correspondência existente no presídio por força de determinação dos juizes auditores, que contraria a própria Constituição do país. Vivemos uma situação absurda pela qual livros já passados pela rígi-

da censura oficial e vendidos normalmente em todo o país são para nós proibidos. Essas medidas representam uma pena complementar, pois dificultam nosso desenvolvimento intelectual e nos privam de corresponder-nos livremente com nossos parentes e amigos.

III - Denunciamos publicamente a situação em que se encontra o companheiro Gregório Mendonça, privado de contato com seus familiares. Sendo gaúcho, de família pobre que não tem condições para realizar visitas sistemáticas a São Paulo, há seis anos solicita a transferência para o Rio Grande do Sul. No entanto, a Justiça Militar lhe tem negado a transferência sob as mais diversas alegações.

Outro fato que denunciamos foi a recente negativa de concessão da liberdade condicional ao companheiro Aldo Silva Arantes, sob o pretexto de que seu processo não havia "transitado em julgado", quando no mesmo processo e na mesma Auditoria outros companheiros já conseguiram a liberdade condicional. Na realidade, o companheiro já cumpriu todos os requisitos necessários a obtenção desse direito e o despacho do juiz só pode ser entendido como mais uma perseguição aos presos políticos.

Aldo Silva Arantes
Antônio André Camargo Guerra
Antonio Pinheiro Salles
Ariston Oliveira Lucena
Aton Fon Filho
Francisco Gomes da Silva
Gregório Mendonça
Haroldo Borges Rodrigues Lima
José Carlos Giannini
Manoel Cyrillo de Oliveira Netto
Ricardo Zarattini
 Presídio Político de São Paulo - SP.

Tantos temperos temos

Aurora da madrugada
 ouro dos Guayyses irmãos,
 Canteiro de minha gente
 eco do velho "Peão".

Santo tempero da vida,
 maldade, maltrato do tempo,
 corridas do meu sertão,
 enxadas sem cabo/nas mãos.

Alpergata de couro velho
 chapéu de palha nas mãos,terra...

pra trabalhar, nem promessas me dão.
 Cá com minha agonia/minha triste solidão
 vou remando no mar da lágrimas desta vida
 esperando um pedaço de chão.

Temos ouro, gado e grandes matas (...?)
 e eu morrendo sem pão/tantas terras
 precisando do traquejo do "Peão".

José Chaves
 Araguaína - GO

SUGESTÕES ZAPATA

PARA VOCÊ PEDIR PELO CORREIO

Alain Virmaud - Aralud e o Teatro. Cr\$ 280,00.
Alain Rosenfeld - Teatro Épico. Cr\$ 40,00. Teatro Moderno. Cr\$ 150,00.
Alberto Cavalcanti - Filme e Realidade. Cr\$ 90,00.
Armand Mattelart - Para Ler o Pato Donald. Cr\$ 110,00. Multinationais e Sistemas de Comunicação. Cr\$ 210,00.
Arnaldo Jabor - Tudo Bem. Cr\$ 100,00.
Augusto Boal - Teatro do Oprimido. Cr\$ 120,00. Murro em Ponta de Faca. Cr\$ 100,00. 200 Exercícios para o Ator e o Não-ator. Cr\$ 90,00.
Bernard Dort - O Teatro e sua Realidade. Cr\$ 230,00.
B. Brecht - Os Negócios do Sr. Júlio César. Cr\$ 40,00. Poemas. Cr\$ 84,00. Teatro Completo. cinco volumes. Cr\$ 500,00. Terror e Miséria do 3º Reich. Cr\$ 65,00.
Carlos Diegues - Chuvas de Verão. Cr\$ 120,00.
Carlos H. Escobar - Caixa de Cimento. Cr\$ 120,00.
Chico Buarque - Ópera de Malandro. Cr\$ 120,00.
Gois d'Água - Cr\$ 100,00. Calabar. Cr\$ 70,00.
C. Stanislavski - A Construção da Personagem. Cr\$ 120,00. A Preparação do Ator. Cr\$ 120,00.
Dias Gomes - Teatro, dois volumes. Cr\$ 150,00.
Eric Bentley - Teatro Engajado. Cr\$ 180,00.
Ernest Fischer - A Necessidade da Arte. Cr\$ 150,00.
Fernando Peixoto - Brecht, Vida e Obra. Cr\$ 100,00.
Ferreira Guller - Um Rubi no Umbigo. Cr\$ 80,00. Vanguarda e Subdesenvolvimento. Cr\$ 100,00.
G. Guarnieri - Teatro, três volumes. Cr\$ 390,00.
G. Guarnieri e outros - A Feira Censurada. Cr\$ 150,00.
Jean Claude Bernardet - Brasil em Tempo de Cinema. Cr\$ 120,00. Trajetória Crítica. Cr\$ 140,00.
Jean-Paul Sartre - As Mãos Sujas. Cr\$ 72,00. As Troianas. Cr\$ 90,00. O Diabo e o Bom Deus. Cr\$ 95,00.

J. Grotowski - Em Busca de um Teatro Pobre. Cr\$ 120,00.
João Ribeiro Chaves - Patética. Cr\$ 100,00.
John Willet - Milagre na Cela. Cr\$ 90,00. Marta, a Arvore e o Relógio. Cr\$ 150,00.
Leif Furhammar - Cinema e Política. Cr\$ 165,00.
Márcio Souza - Tem Piranha no Pirarucu. Cr\$ 100,00.
Martin Esslin - Artaud. Cr\$ 45,00. O Teatro do Absurdo. Cr\$ 200,00. Brecht, dos Males o Menor. Cr\$ 200,00.
Milior Fernandes - A História é uma História. Cr\$ 90,00. E. Cr\$ 110,00. Flávia. Cabeça, Tronco e Membro. Cr\$ 90,00. Liberdade, Liberdade. Cr\$ 90,00. O Homem do Princípio ao Fim. Cr\$ 90,00.
Molière - Teatro Escolhido, dois volumes. Cr\$ 150,00.
Oswald de Andrade - A Morta, O Rei da Vela, O Homem e o Cavalo. Cr\$ 100,00.
Peter Weiss - O Interrogatório. Cr\$ 50,00.
Peter Brook - O Teatro e seu Espaço. Cr\$ 50,00.
Plínio Marcos - Dois Perdidos numa Noite Suja. Cr\$ 60,00. Homens de Papel. Cr\$ 80,00. Navalha na Carne e Quando as Máquinas Param. Cr\$ 60,00.
Viola Spolin - A Improvisação no Teatro. Cr\$ 230,00.

E MAIS:

Fidel Castro - A História me Absolverá. Cr\$ 90,00.
M. Wieszler - Se me Deixam Falar. Cr\$ 130,00.
Abelardo Jurema - Exílio. Cr\$ 100,00.
Alejo Carpentier - Literatura e Consciência Política na América Latina. Cr\$ 70,00.
Mao-tsé-Tung - Sobre a Prática, a Contradição, a Arte e a Literatura. Cr\$ 100,00.
V. Lênin - Obras Escolhidas, primeiro volume, 21 textos. Cr\$ 460,00.

BASTA ESCREVER PEDINDO

Rua Dr. Cesário Mota Jr., 285.
 Tel. 222-2861 - CEP. 01221 - São Paulo, SP

ASSINE O PACOTE DE IMPRENSA INDEPENDENTE

Informe-se com outra perspectiva - lendo o que a grande imprensa não noticia - assinando os jornais da imprensa democrática brasileira. Escolha um dos três planos abaixo:

- Plano 1:** Uma assinatura anual de *Movimento* mais 3 publicações à sua escolha. Cr\$ 1.300,00
- Plano 2:** Uma assinatura anual de *Movimento* mais 6 publicações à sua escolha. Cr\$ 1.700,00
- Plano 3:** Uma assinatura anual de *Movimento* mais 20 publicações à sua escolha. Cr\$ 3.500,00

Escolha o plano de sua preferência e marque abaixo as publicações que você quer receber.

- BRASIL MULHER**
 Jornal feminista de São Paulo (SP)
- VERSUS**
 Revista mensal de São Paulo (SP)
- O SÃO PAULO**
 Jornal semanal da Arquidiocese de São Paulo (SP)
- ESCRITA/ENSAIO**
 Revista bimestral de ciências humanas (MG)
- COJORNAL**
 Jornal mensal da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre (RS)
- RESISTÊNCIA**
 Jornal mensal da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (PA)
- RÁDICE**
 Revista Trimestral de Psicologia (RJ)
- POSIÇÃO**
 Jornal quinzenal de Vitória (ES)
- CADERNOS DO CEAS**
 Publicação do Centro de Estudos e Ação Social dos Jesuítas da Bahia (BA)
- CADERNO DO NORDESTE**
 Revista bimestral sobre a realidade nordestina
- INÉDITOS**
 Revista de Ciências Humanas (MG)
- REPÓRTER**
 Jornal mensal de texto e reportagem (RJ)
- PLURAL**
 Revista Mensal de Debates (SP)
- VARADOURO**
 Jornal Mensal de Rio Branco (Acra)
- MUTIRÃO**
 Jornal mensal de texto e reportagem, de Fortaleza (CE)
- FICÇÃO**
 Revista literária mensal (RJ)
- ESCRITA**
 Revista mensal de literatura (SP)

Estou enviando o cheque n° _____ em nome do Edição SA, Editora de Livros, Jornais e Revistas.

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto 625, Pinheiros - São Paulo SP CEP 05415.

Nome	Idade	
Profissão	Endereço	Estado
Cidade	CEP.	

CORTA ESSA!

SAÚDA OS FOLIÕES E APRESENTA SEU SAMBA-ENREDO...

PRA UNS E OUTROS

SEMPRE É CARNAVAL!

